

# CASAS SUBTERRÂNEAS NO PLANALTO DE SANTA CATARINA: SÃO JOSÉ DO CERRITO<sup>1</sup>

Pedro Ignácio Schmitz<sup>2</sup>  
Fúlvio Vinicius Arnt<sup>3</sup>  
Marcus Vinicius Beber<sup>3</sup>  
André Osorio Rosa<sup>3</sup>  
Deisi Scunderlik de Farias<sup>4</sup>

## Resumo

O texto informa sobre três anos de pesquisas arqueológicas no planalto de Santa Catarina, onde são numerosos os sítios com casas subterrâneas e existem algumas estruturas anelares. O ocupação mais antiga é de um sítio a céu aberto datado de 2.460 anos AP. Casas subterrâneas são ocupadas de 830 a 370 anos AP. A estrutura anelar está datada de 770 anos AP. As escavações proporcionaram melhor conhecimento das casas subterrâneas e da formação dos sítios nos quais estão agrupadas.

**Palavras-chave:** casas subterrâneas, estruturas anelares, planalto de Santa Catarina.

## Abstract

The text divulges the results of a three years investigation on the highlands of the state of Santa Catarina, where numerous pit houses and some burial mounds exist. The first occupation of the area is an open air site dated 2.460 years BP. Pit houses were constructed from 830 to 370 BP. A mound is dated 770 BP. The excavations furtered the knowledge of the pit houses structure and function and the way they agregate in the sites.

**Key words:** pit houses, mounds, highland of Santa Catarina.

## As 'casas subterrâneas' no Planalto Meridional

'Casas subterrâneas' nas terras altas do Sul e do Sudeste do Brasil formaram um dos temas de maior impacto no (re)nascimento da arqueologia no país, na década de 1960. Desde então, numerosas pesquisas foram realizadas e sucessivas publicações buscaram sintetizar as características das estruturas, dos artefatos, de sua distribuição, contexto e cronologia. Entre diversos outros, vale a pena citar Schmitz, 1988; Schmitz *et al*, 1988; Prous, 1992; Mentz Ribeiro, 1999/2000; Reis, 2002; Beber, 2005, Copé, 2006.

---

<sup>1</sup> O trabalho foi realizado com apoio do CNPq, da UNISINOS, do Instituto Anchietano de Pesquisas e do GRUPEP/UNISUL. - Colaboraram no trabalho de campo: Jones Fiegenbaum, Juliana Soares, Mateus Selli, Rafael Corteletti, Ricardo Roth, Suliano Ferrasso, do Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS; Bruna Cataneo Zamparetti, Daniela da Costa Claudino, Fabricia Machado Fernandes, Gilson Laone Pereira, Raul Viana Novasco, Rodrigo Pereira Vieira, Thiago Vieira Torquato, do GRUPEP/UNISUL.- Jairo Henrique Rogge, reproduziu a maior parte dos desenhos.

<sup>2</sup> Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: anchietano@unisinis.br.

<sup>3</sup> Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS. E-mail: anchietano@unisinis.br.

<sup>4</sup> Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia - GRUPEP/UNISUL.

As estruturas, que vêm recebendo variadas denominações descritivas ou funcionais, estão sendo encontradas e registradas desde a proximidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, até Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, em terras altas, relativamente frias, geralmente associadas a mata com *Araucaria angustifolia*. Elas aparecem como depressões hemisféricas, de borda aproximadamente circular, com 2,5 a 20 m de diâmetro. Estando implantadas em terrenos inclinados na encosta ou topo de elevações, a borda mais baixa e um pequeno anel a seu redor precisam ser levantados como base para a instalação da estrutura aérea que as cobre. Este nivelamento pode implicar num aterro de vários metros de largura e até 1,5 a 2 m de altura, no qual se emprega a terra escavada, sendo o eventual excedente depositado em forma de montículo circular ou alongado a algumas dezenas de metros de distância. A reconstituição destas casas, com sua superestrutura de troncos e palha, costuma partir do pressuposto de que a depressão delimita a casa. Novas pesquisas põem esta premissa em dúvida; ampliam o âmbito da construção por cima do aterro nivelador, juntando mesmo duas depressões próximas, com um só aterro, como partes de uma mesma casa. Com isto também ficou mais difícil individualizar e delimitar as casas. Mesmo falar das mesmas. No texto usamos o termo casas subterrâneas, ou simplesmente casas, sem aspas, para nos referirmos a estas estruturas.

Estas casas com pisos rebaixados podem estar isoladas, em duplas ou em agrupamentos maiores, então geralmente bem próximas umas das outras, até geminadas e partilhando um mesmo aterro. Elas podem vir acompanhadas de pequenos montículos elípticos, considerados funerários, de aterros maiores em que se reuniu a terra não utilizada nos nivelamentos, e de recintos entaipados, insinuando praças, ou lugares de reunião, em cujos aterros se guardavam ossos calcinados e cinzas de moradores falecidos. Mais frequentemente os mortos eram simplesmente depositados em grutas ou fendas basálticas próximas. Aldeias e acampamentos a céu aberto também são comuns em certas regiões.

As casas subterrâneas costumam vir acompanhadas de cerâmica, que os arqueólogos identificam como da tradição Taquara/Itararé, a qual passou a funcionar como um fóssil guia para identificar sua cultura e até sua população. Desde o princípio da pesquisa ela mostrou considerável variabilidade, dando origem a sub-tradições e fases. Não sempre as casas subterrâneas vêm acompanhadas de cerâmica da tradição Taquara/Itararé. Em Minas Gerais, as casas subterrâneas vêm associadas a cerâmica da tradição Aratu, típica dos cerrados do Brasil Central (Prous, 1992; Dias, 1971). E nem sempre ela vem acompanhada de qualquer cerâmica: no planalto de Santa Catarina se tem informações consistentes de casas subterrâneas sem cerâmica, alguma vez até com material lítico da tradição Umbu, identificadora de antigas populações indígenas caçadoras do Sul do Brasil (Schmitz *et al*, 2009).

Como a casa subterrânea e a cerâmica Taquara/Itararé foram os objetos que mais chamaram a atenção dos arqueólogos, foi a partir delas que se pensou construir a história da população Jê meridional, à qual elas são atribuídas. Fazendo a distribuição espacial de uma e outra, verificou-se que é

possível uma disjunção entre casas subterrâneas e cerâmica da tradição Taquara-Itararé. A casa subterrânea é colocada como um fenômeno das terras altas do Sul do Brasil. De fato, ela aparece em grande abundância e densidade no planalto do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, mas já é rara em ambientes igualmente altos e frios do Paraná e de São Paulo. A cerâmica Taquara/Itararé, por sua vez, aparece no mesmo espaço das casas subterrâneas, mas se expande igualmente em numerosos sítios a céu aberto no planalto do Paraná e de São Paulo, onde a casa subterrânea é rara ou inexistente. A cerâmica é encontrada, ainda, em aldeias da encosta leste do mesmo planalto meridional, coberta por densa Mata Atlântica, e chegou até o litoral, onde, em alguns lugares, formou grandes aldeias *sui generis*; em outros, apenas acampamentos de pesca e coleta marítima, acompanhados de alguns sepultamentos. Em Santa Catarina são notáveis os grandes e densos sítios, compostos predominantemente por ossos de peixes e de outros animais marinhos, que se estendem ao longo do litoral desde a Ilha de São Francisco até a Ilha de Santa Catarina. Para uma breve síntese pode-se ver Schmitz (1988).

A casa subterrânea é uma construção cultural de terras altas, frias, de chuvas abundantes, distribuídas regularmente pelo ano. As condições que sinalizam seu início estão ligadas à expansão e adensamento da mata com Araucária, que as casas subterrâneas acompanham no tempo e no espaço. As duas se tornam visíveis ao redor de meados do primeiro milênio de nossa era e, a partir de então, caminham juntas em sua expansão sobre os campos de altitude. Suas últimas construções são datadas de meados do século XIX, quando o planalto rapidamente se tornou domínio do colonizador branco, que restringiu o espaço do índio a pequenas reservas, onde seu modo de vida já não tinha condições de realização plena.

A população indígena que mais densamente ocupava o Planalto Meridional era constituída por numerosas tribos Kaingang. A encosta leste era dominada, então, pelas comunidades Xokleng, que supostamente também teriam vivido no planalto, donde teriam sido afastadas pela expansão do Kaingang. Embora se aceite que estas populações sejam as sucessoras e descendentes daquelas construtoras das casas subterrâneas, nem na sua prática, nem na sua memória estas estruturas lhes continuam presentes.

Sobre a depressão da casa subterrânea ainda não se firmou consenso. Na diversificada opinião dos arqueólogos ela poderia ser considerada habitação, depósito de alimentos, armadilha para animais, espaço ritual; e sua função básica, prevenção contra o frio, ou afirmação e defesa de um território. Nos sítios que nós pesquisamos nos últimos 40 anos, as depressões se apresentam como habitações.

A depressão é a parte mais visível do que restou de um sistema construtivo e as casas subterrâneas são o esqueleto de um sistema econômico e social, que se baseava na exploração e manejo da floresta, complementados por cultivos mais ou menos importantes de acordo com regiões e tribos.

A partir desta concepção, o que arqueólogos afirmam do sistema de assentamento vai desde o nomadismo permanente do chamado 'forrageiro', à

alternância entre assentamentos mais estáveis e acampamentos de curta duração do chamado 'coletor' (Binford, 1980), até o semi-sedentarismo com habitações bastante permanentes, associadas a estruturas rituais de certo porte, os 'danceiros' ou estruturas anelares. De acordo com estas concepções o significado e a função das depressões se diferenciaria (De Masi, 2006; Copé, 2006).

Qualquer que seja o conceito usado, numerosos assentamentos, com 1 a 20 dessas depressões, costumam cobrir o território numa espécie de rede. As estruturas rituais chamadas 'danceiros' poderiam ser núcleos de referência dentro da rede, como locais de sepultamento, de reunião e de passagem (Copé, 2006).

As estruturas que formam sítios com várias casas subterrâneas não surgiram, necessariamente, ao mesmo tempo, como elementos de uma mesma aldeia. Isto foi demonstrado pela datação de diversas casas em três diferentes assentamentos do Rio Grande do Sul e é confirmado pela presente pesquisa. Em cada um desses sítios, as estruturas individuais foram criadas, ocupadas e abandonadas em tempos diferentes, durante um período de até 800 anos, correspondente ao tempo de ocupação da respectiva área. A forma de assentamento parece ter sido de uma ou duas casas por vez; a sucessiva ocupação do mesmo lugar poderia somar, com o tempo, até dez casas. Esta forma de assentamento sugere que não era o sítio, mas o território que tinha uma ocupação constante, estratégica para garantir os recursos naturais e inversões sociais e defender a população dentro deste espaço (Schmitz *et al*, 2002, 2009). Esta forma de assentamento responderia a uma população de pequenas tribos, dispersas pelo território.

Além destes sítios com poucas casas, ou com uma só, existem no vale do rio Canoas, no planalto de Santa Catarina, alguns assentamentos grandes que nos obrigam a uma reflexão ulterior. Um desses sítios compõe-se de 104 casas subterrâneas muito próximas, muitas vezes se sobrepondo, ao redor de um pequeno banhado de altura. Ainda existem informações orais, a serem confirmadas, sobre outros sítios com várias dezenas de casas, que rompem com os dados até agora conhecidos.

Buscando uma resposta para o povoamento que é apresentado pelos dados, os arqueólogos se aproximam da história dos índios Kaingang, encontrados no planalto pelos colonizadores de origem européia (Basile Becker, 1976; Mabilde & Booth, 1983; Basile Becker & Laroque, 1999; Laroque, 2000 e 2007). Eles estavam organizados em tribos e subtribos de tamanhos variados, que apresentavam relativa estabilidade étnica e territorial e mantinham sob domínio grande parte do Planalto Meridional. Sua língua é do tronco Macro Jê. Os estudiosos calculam que sua chegada no Sul se teria dado vários milênios atrás e que os dialetos regionais que falavam teriam surgido no decorrer deste tempo através de isolamento, da chegada de novos contingentes e talvez do contato com grupos de caçadores pré-existentes (Wiesemann, 1972; Urban, 1992).

A impressão que as descrições da época produzem é que havia numerosas tribos pequenas, provavelmente pouco enraizadas no espaço por

conflitos intertribais, e alguns chefes influentes, com muitos caciques subordinados, que controlavam grandes extensões de terra. Um destes grandes caciques (Braga) dominava, no século XIX, o planalto do nordeste do Rio Grande do Sul. Tinha 23 caciques subordinados, distribuídos sobre um amplo território, com os quais mantinha contatos permanentes através de mensagens, presentes e grandes festas, à semelhança dos *big men* descritos por Sahlins (1977) para a Oceania. A tribo de Braga compunha-se de aproximadamente 2.000 índios, dos quais uns 800 moravam na aldeia principal; o sub-cacique Doble reunia um número um pouco menor; as aldeias dos demais caciques seriam relativamente pequenas. Braga demonstrou ao engenheiro Mabilde, que construiu as primeiras estradas através do território indígena, no começo do século XIX, que sua gente vivia na região desde muito tempo e como prova levou o engenheiro a ver os túmulos dos quatro caciques que o precederam no século XVIII (Basile Becker, 1976; Mabilde & Booth, 1983; Basile Becker & Laroque, 1999; Laroque, 2000).

Talvez os assentamentos dos caciques subordinados e dos pequenos caciques independentes pudessem ser comparados com os sítios arqueológicos comuns em todo o território. A aldeia do cacique Braga poderia dar uma idéia dos grandes sítios do vale do Rio Canoas.

É grande a tentação de usar analogia direta para este território em que os dados arqueológicos avançam até meados do século XIX, tempo em que Mabilde descreve alguns costumes dos índios Kaingang que moravam nesse lugar. Mas a maior parte das informações que seriam necessárias para uma efetiva comparação com os dados da arqueologia não se encontram em Mabilde e nos existentes há consideráveis diferenças com os da arqueologia (Dias, 2005).

### **Pesquisas anteriores e objetivos atuais**

O planalto de Santa Catarina é provavelmente a área em que estes sítios são mais numerosos e variados. Eles foram aí estudados por Piazza (1969), Rohr (1971), Reis ([1980] 2007), Caldarelli & Herberts (2002), De Masi (2006), Herberts (2006), Schmitz *et al* (2009).

O trabalho mais significativo é o de Maria José Reis ([1980] 2007) que, de 1974 a 1976, fez levantamento sistemático nos Campos de Lajes, onde documentou 83 sítios arqueológicos, que levam a sigla SC-CL; 7 sítios na região do Rio do Peixe, que levam a sigla SC-VP; 5 sítios na região do vale do Rio Chapecó, que levam a sigla SC-VX; e 8 no vale do rio Uruguai, que levam a sigla SC-VU.

Neste resumo de seu trabalho nos limitamos aos sítios que têm a sigla SC-CL (Santa Catarina-Campos de Lages).

O número de casas por sítio varia de 1 a 104. A maior parte tem de 1 a 3 casas (73,8%). Sítios com 4 a 6 casas formam outros 13,2%. Sobram 13% de sítios com 7 ou mais casas. Mas entre estas temos sítios com 12, 13, 15, 18 (2), 23 e 104 casas.

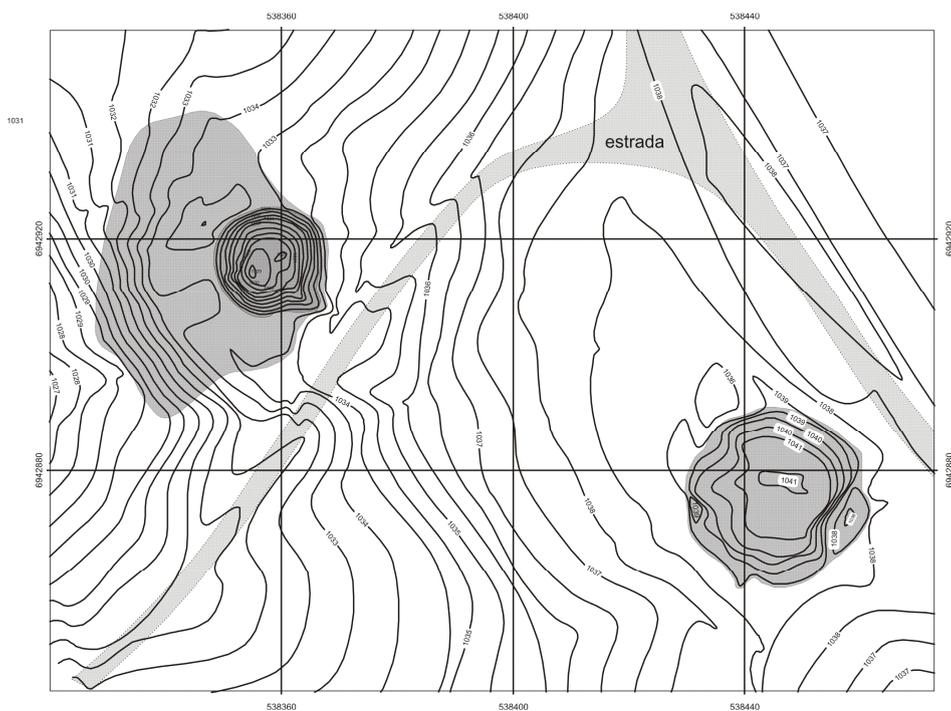
A maior parte das casas é circular; casas elipsóides ou alongadas frequentemente são descritas com galerias de acesso. O diâmetro das 318

casas circulares varia de 2 a 20 m; o diâmetro de 84,8% se encontra entre 3 e 8 m; a partir dos 11 m elas se tornam raras.

Reis fez escavações em três sítios. Através dessas intervenções procurou comprovar a produção e ocupação humana das estruturas e identificar os pisos de ocupação, usando para isto a proporção dos artefatos líticos e cerâmicos nas camadas e os elementos químicos nos solos.

No sítio SC-CL-9, um assentamento com 8 casas subterrâneas, que estão dentro de um recinto de 77 m de diâmetro, fechado por um baixo muro de terra, fez escavações em duas casas. A primeira mostrou um nível profundo de ocupação com 6 objetos líticos, 83 fragmentos cerâmicos e solo enriquecido. A escavação da outra casa ficou sem concluir porque, durante o trabalho, foi invadida pela água do lençol freático. Não há datas.

No sítio SC-CL-37, com 6 casas subterrâneas, das quais 1 é circular, 5 elipsóides (3 destas com supostas galerias de acesso) foi realizada escavação numa das depressões elipsóides com galeria. Nenhum testemunho convincente de ação humana foi encontrado, deixando dúvida a respeito da origem antrópica dessas depressões elipsóides com galerias e de sua ocupação indígena.



**Figura 1:** Planta do sítio SC-CL-52, mostrando à esquerda a depressão com o respectivo aterro nivelador e à direita o montículo construído com a sobra da terra. Planta produzida por Raul Viana Novasco.

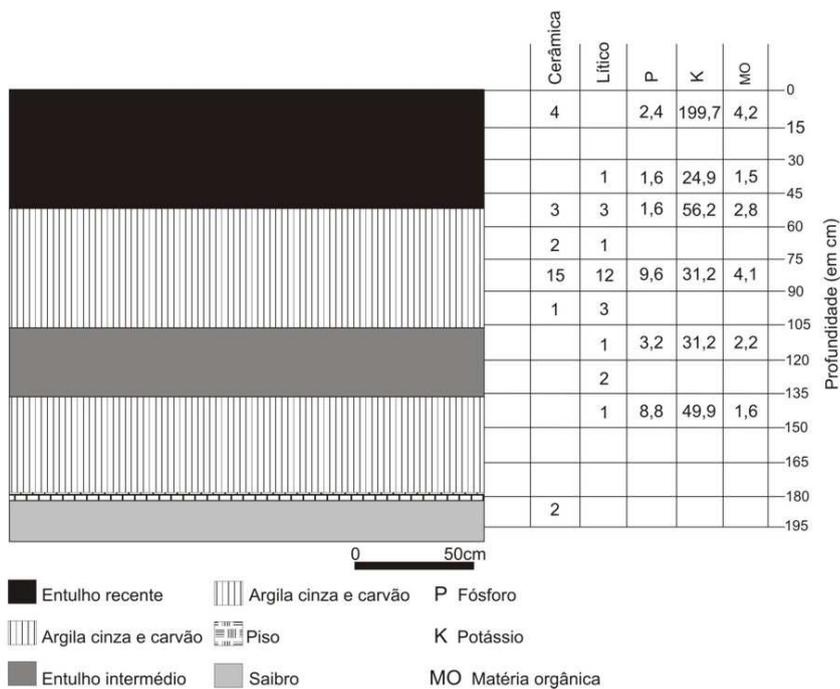
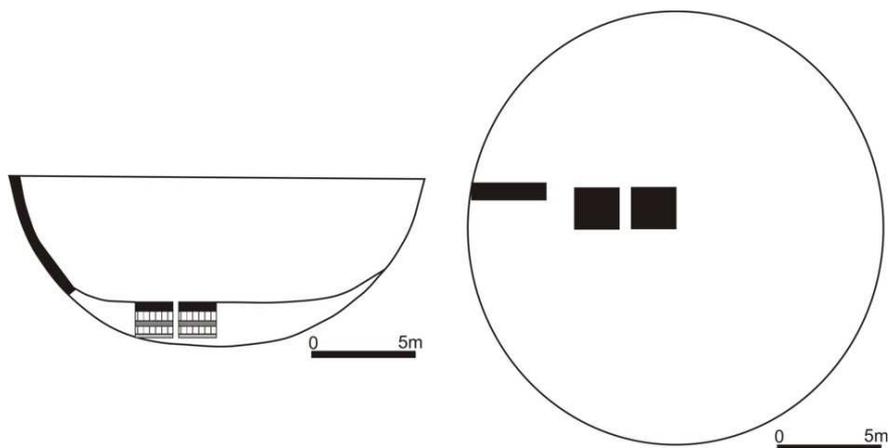


Figura 2: Em cima, croqui da casa e localização dos cortes feitos por Maria José Reis; em baixo, estratigrafia dos cortes e presença de cerâmica, material lítico, P, K e MO nas camadas.

Reis encontrou muitos sítios com casas subterrâneas e alguns 'danceiros' (estruturas anelares). Não fala de outros sítios a céu aberto.

Na SC-CL-52, uma casa de 20 m de diâmetro por 7 m de profundidade original (ver localização na figura 3), foram escavadas duas quadrículas de 4

m<sup>2</sup>, que proporcionaram material lítico, cerâmica e solo enriquecido em dois níveis, sugerindo dois momentos de ocupação ceramista. A escavação foi até 200 cm. A arqueóloga também realizou um corte contra a parede, a partir da boca até alcançar a base, para destacar a técnica de construção da casa. Em 2010 voltamos ao sítio e Raul Viana Novasco produziu a planta que se encontra na figura 1. Com os dados e a fotografia publicados por Reis conseguimos produzir os croquis do sítio e destacar as camadas de ocupação manifestos nos cortes, que reproduzimos na figura 2. Na construção da casa, a terra escavada tinha sido utilizada, primeiro, para fazer um largo nivelamento junto à borda mais baixa e ainda sobrara um grande volume, com o qual se construiu, a 40 m de distância, um pequeno monte de 30 x 28 m de tamanho e 2,20 m de altura. A trincheira transversal feita neste aterro não rendeu material, nem o solo apresentou modificações, mostrando ser apenas o depósito da terra escavada.

Sempre que havia material na superfície, Reis fez coleta, tanto de lítico, como de cerâmica. Assim ela recolheu 11 objetos líticos e 352 fragmentos cerâmicos no SC-CL-46, um sítio com 2 casas subterrâneas e 2 grandes aterros, que no tempo era uma plantação de milho (ver localização na figura 3); 6 objetos líticos e 319 fragmentos cerâmicos no SC-CL-49, próximo ao anterior (ver localização na figura 3), que também era plantado com milho; e 6 objetos líticos e 52 fragmentos cerâmicos no RS-CL-77, com 1 casa subterrânea, coberto por vegetação rasteira e arbustiva.

O material lítico das escavações e das coletas superficiais soma 55 objetos, classificados como 25 raspadores, 14 facas, 5 picões, 5 lâminas de machado, 4 percutores, 2 mãos de pilão. A maior parte dos objetos (58%) foi recolhida em superfície, na proximidade de casas subterrâneas e montículos de terra.

A cerâmica proveniente das coletas de superfície e das escavações não alcança mais que 895 fragmentos, dos quais 86% vêm de coletas superficiais. Mesmo nas camadas de ocupação das casas ela não costuma ser abundante. Por comparação do que já se conhecia no sul do Brasil, esta cerâmica foi classificada como da tradição Taquara/Itararé, mais Itararé que Taquara.

A arqueóloga também recolheu várias amostras de carvão para datação, que foram processadas em laboratório da USP, em São Paulo. Nenhuma delas serviu para marcar a posição cronológica da ocupação. Frente a esta deficiência, a autora aceitou, para seus sítios, a cronologia estabelecida por outros arqueólogos dos estados meridionais para sítios parecidos. Atualmente já existem diversas datas, como se verá mais adiante.

No último capítulo da dissertação, intitulado 'As estruturas subterrâneas e os aterros, linhas de interpretação', a autora procura estabelecer funções para as estruturas subterrâneas agrupadas, as estruturas geminadas, as estruturas isoladas e os aterros. Neste começo da pesquisa as propostas feitas eram altamente hipotéticas e não nos ligaremos diretamente a elas.

Finalmente, Reis levantou problemas gerais sobre as casas subterrâneas e procurou visualizar a organização social de seus moradores. As

questões gerais levantadas agitaram e continuam agitando os arqueólogos, que estudam casas subterrâneas e não as resolvem facilmente. Muita pesquisa já foi realizada posteriormente, apresentando a variabilidade das formas deste povoamento e dos seus artefatos. Muito mais trabalho de campo, de laboratório e de reflexão teórica será necessário, primeiro, para formular corretamente as questões e, depois, encontrar respostas adequadas para estas novas formulações.

Os sítios registrados por Reis nos Campos de Lajes são especialmente numerosos e variados no município de São José do Cerrito. Ali foram encontradas casas excepcionalmente grandes e também o maior assentamento até agora conhecido no planalto meridional, com 104 casas.

Outros pesquisadores, que trabalharam ou trabalham em áreas próximas informam que, subindo e descendo o rio Canoas, se encontram mais sítios com dezenas de casas, dando a entender que esta é uma área excepcionalmente povoada pela população indígena. Com isto, além das questões suscitadas por Reis e, posteriormente, por outros arqueólogos, surgiu a pergunta se a presença desses grandes sítios e da excepcional densidade de ocupação poderia testemunhar algum tipo de estratificação social, ou uma formação semelhante à dos *big men* da Oceania (Sahlins, 1977). Este é o tema da etapa de pesquisas que começará em 2011.

No presente projeto, em continuação às pesquisas feitas pela equipe em Caxias do Sul (Schmitz *et al*, 1988; Corteletti, 2008), em São Marcos (Rogge & Schmitz, 2009), em Vacaria (Schmitz *et al*, 2002), em Taió (Schmitz *et al*, 2009), e por outras equipes, em Esmeralda (Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985), em Barra Grande (Copé, Saldanha & Cabral, 2002), em Bom Jesus (Mentz Ribeiro *et al*, 1994; Copé, 2006), sobre o rio Canoas (De Masi, 2006), sobre o rio Pelotas (Herberts, 2006), entre outros, voltou-se aos sítios cadastrados por Reis em São José do Cerrito, buscando formular melhor velhos e não tão velhos problemas, na esperança de encaminhar melhores respostas.

Muitas perguntas são simples e talvez possam ser respondidas com a busca de mais evidências em campo, ou melhores técnicas de laboratório; outras precisam de mais reflexão teórica. Aqui vão algumas perguntas. O 'buraco', em si, é a habitação, ou só uma parte dela? Se ele é a habitação, ou faz parte da habitação, qual a relação entre a depressão e o aterro que amplia seu espaço? Como é o piso, a parede escavada na terra ou na rocha, o aterro, a estrutura aérea, o acesso ao interior? Buracos geminados, ou múltiplos, com um aterro único, formam uma só habitação debaixo do mesmo teto? Que atividades eram exercidas na habitação e no seu entorno? Onde e como são depositados os mortos do grupo? Qual a relação espacial, cronológica e funcional entre as habitações de um mesmo sítio? O que são os 'danceiros' (estruturas anelares)? Que relação têm com os sítios de habitação? O que representa a distribuição dos sítios com relação à ocupação do espaço, o domínio e a manutenção do território? A diferença de tamanho entre os sítios pode ser considerada indicação também de hierarquia social?

Existem ainda as diferenças entre os objetos que acompanham as estruturas: A ocupação costuma ser fortemente ligada a cerâmicas da tradição Taquara/Itararé. Mas, ao menos em Santa Catarina, existem sítios sem cerâmica, com uma indústria lítica mal definida, ou com objetos da tradição Umbu (Piazza, 1969; Schmitz *et al*, 2009). É importante confirmar a cronologia das etapas de ocupação e o aparecimento possivelmente tardio dos 'danceiros'.

A intenção do artigo não é responder a todas estas questões, mas aproximar mais algumas respostas.

### **O ambiente e os sítios**

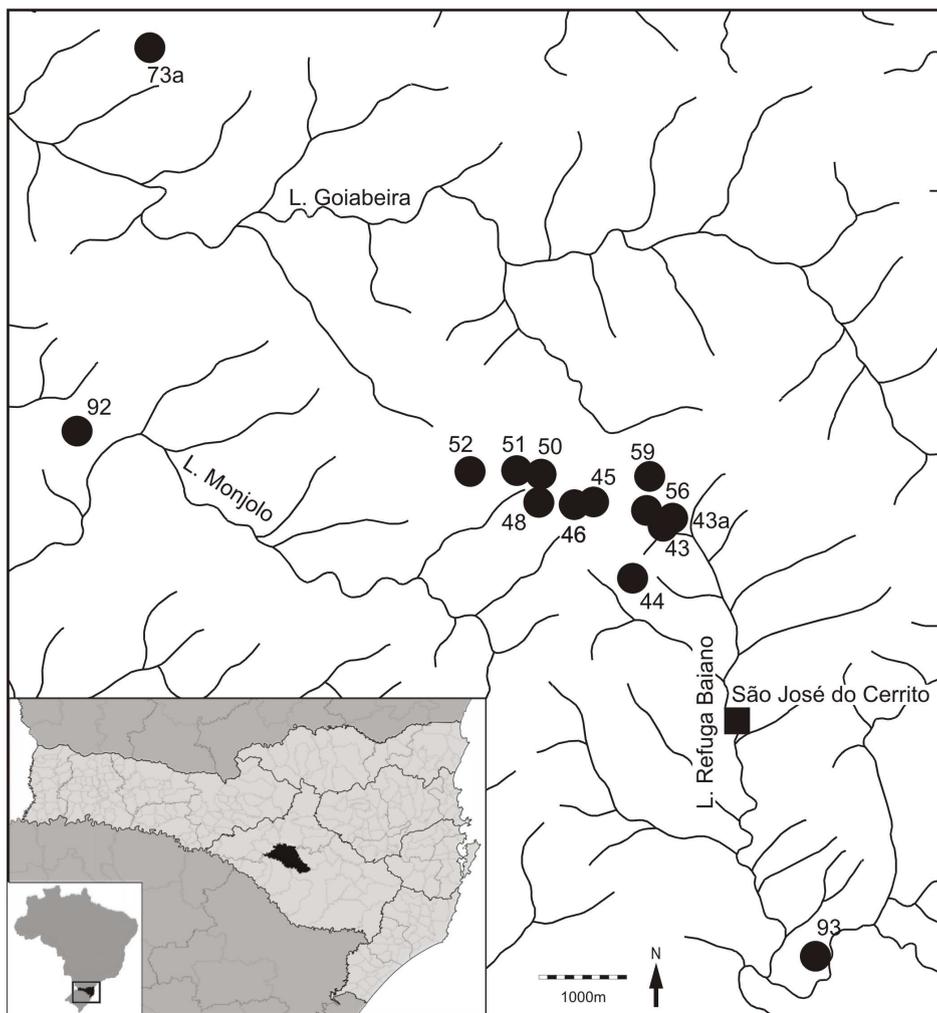
Em função desta problemática, em julho de 2007, Fúlvio Vinicius Arnt, Marcus Vinicius Beber e Mateus Selli, voltaram a São José do Cerrito, preparando os trabalhos a serem feitos pelo Instituto Anchietano de Pesquisas a partir em janeiro de 2008, continuados em janeiro de 2009, janeiro e maio de 2010. A volta aos sítios mostrou que o trabalho de Maria José Reis é de bastante precisão, apesar da precariedade dos mapas disponíveis naquele tempo.

O âmbito da primeira etapa do projeto, relatada neste texto, foi restringido aos sítios próximos à sede municipal (figura 3). A segunda etapa, prevista para começar em 2011, está relacionada com o estudo da hierarquia social no sítio de 104 casas, na localidade de Rincão dos Albinos, mais distante da cidade.

Os sítios estudados na primeira etapa se encontram em terreno ondulado, na proximidade de pequenos banhados de altura, que dão origem a córregos da bacia do rio Canoas, um dos formadores do rio Uruguai, em altitudes de 900 a 1000 m. O substrato geológico da área é a Formação Serra Geral, resultante de sucessivos derrames basálticos, cuja decomposição produz solos vermelhos, compactos, muitas vezes ainda permeados de pequenos e grandes blocos não decompostos. A temperatura média anual está entre 14 e 16°C, com verões amenos e invernos frios, com fortes geadas. A precipitação média anual está entre 1.250 e 1.500 mm, distribuída pelo ano todo. Ao tempo da colonização europeia predominava a mata com Araucária, entremeada de campos nativos.

A ocupação indígena documentada para a área recua até o primeiro milênio antes de nossa era. A partir do começo do segundo milênio de nossa era está representada pelos sítios com casas subterrâneas, que se estendem por vários séculos.

Estas casas eram construídas, de preferência, em vertentes suavemente inclinadas das ondulações do terreno, mais raramente em seu topo. Desta forma, a terra escavada para formar a depressão podia ser usada para levantar a borda do lado do declive, nivelar sua altura com a da borda do aclive e ampliar a extensão da superfície útil para a casa. Na construção de casas grandes e profundas às vezes sobrava terra com a qual, na proximidade, se levantava um montículo, que podia atingir consideráveis proporções.



**Figura 3:** Localização dos sítios próximos à sede do município, trabalhados na primeira etapa da pesquisa.

A primeira colonização por descendentes de europeus, no século XVIII, ocupou os campos para criação de animais vacuns e cavalares, que pouco atingiu eventuais populações indígenas e também não interferiu nos sítios arqueológicos. No século XIX chegaram imigrantes para desenvolver agricultura familiar, que teve impacto nas populações indígenas e nas estruturas arqueológicas; mas foi a mecanização dos campos, em fins do século XX, que trouxe maiores impactos aos sítios, destruindo alguns totalmente.

Hoje, a paisagem original está modificada por cultivos mecanizados e criação de animais, tendo sido os campos transformados em pastos e as matas

empobrecidas com a retirada das madeiras de valor comercial. Hoje estes restos de mata complementam os campos na alimentação de animais domésticos.

Na primeira etapa do projeto foram incluídos os sítios próximos da cidade, que foram novamente visitados e podem ser tomados como amostra do povoamento. Só fizemos intervenções maiores no conjunto composto pelos sítios SC-CL-43, SC-CL-43 a, SC-CL-56 e SC-CL-94. Em dois outros sítios (SC-CL-92 e SC-CL-93) foram realizadas coletas de superfície. O registro e as intervenções não explicam todo o povoamento mas fornecem dados novos e levantam novas questões.

Apresentamos os sítios com as siglas e os dados de Maria José Reis, acrescentando as informações conseguidas com nosso trabalho. Porque Reis separava como novos sítios as estruturas que distassem mais de 80 m, estes se multiplicaram, formando um conjunto de unidades que geralmente não distam entre si mais que umas poucas centenas de metros.

SC-CL-43 - Hélio Muniz, Boa Parada, 4 casas subterrâneas bem conservadas, números 4, 5, 6 e 7 do conjunto da Boa Parada. Localização geográfica: 38°34.10"S e 50°35'18.30"O.

As casas (depressões) de números 4 e 5 estão unidas por um só e mesmo largo aterro; distam 1 m entre si e são partes de uma habitação com um telhado só. Foram as que Reis viu e registrou.

A casa-depressão 4 tem 5,20 x 6,00 m de boca e 1,75 m de profundidade. Nela foi aberto um quadrante até ultrapassar o piso, a 130 cm de profundidade. A ocupação cerâmica dos níveis mais altos foi datada em 470 anos AP. Nas camadas inferiores não apareceu cerâmica. Ver adiante.

A casa-depressão 5 tem 5,80 x 5,40 m de boca e 1,75 m de profundidade. Nela foi aberta uma trincheira de 1 x 4 m partindo do centro da depressão e chegando até a borda. Os 130 cm de entulho correspondem a ocupações ceramistas. O piso foi datado em 640 anos AP.

A casa 6 tem 4,30 x 4,40 m de boca e 0,75 m de profundidade. Dela foi escavada a metade, com aparecimento de um fragmento de cerâmica Itararé e um pouco de lítico. Não foi datada. Ver adiante.

A casa 7 tem 4,20 x 4,80 m de boca e 1,00 m de profundidade, com largo aterro. Nela foi aberta trincheira de 1 x 2,7 m, partindo do centro e chegando até a borda. Os 120 cm de entulho atestam uma ocupação pouco densa. Não foi encontrada cerâmica. Ela foi datada em 370 anos AP. Ver adiante.

O corte 1, de 2,00 x 3,00 m, feito entre a casa 5 e a 6, é uma área de atividade externa não especificada; nela foram recolhidos artefatos líticos, mas nenhuma cerâmica. Ver adiante.

O corte 2, de 1 x 1 m, feito perto da casa 7, não produziu material. Ver adiante.

Os cortes 3, 4 e 5, de 1 x 1 m, perto da casa 4, não produziram material. Ver adiante.

O corte 6, de 4 m<sup>2</sup>, na proximidade do corte 1, produziu uma estrutura semelhante à do corte 1, com artefatos líticos, mas nenhuma cerâmica. Ver adiante.

O corte 7, de 1 x 2 m, em cima do aterro, perto da casa 4, produziu um artefato lítico.

Foram ainda escavadas 4 trincheiras cortando o aterro que une numa só unidade habitacional as casas-depressões 4 e 5. As trincheiras mostram as camadas do aterro da casa. Por baixo desse aterro, em três dessas trincheiras, apareceram lugares de fogueiras, um dos quais foi datado de 2.640 anos AP.

A trincheira 1, de 0,5 x 6 m, em direção sul-norte, está em frente à casa 5.

A trincheira 2, de 0,5 x 6 m, em direção sul-norte, está em frente à casa 4.

A trincheira 3, de 0,5 x 6 m, em direção leste-oeste, está em frente à casa 5.

A trincheira 4, de 0,5 x 6 m, em direção leste-oeste, está em frente à casa 4.

SC-CL-43 a - Vercedino Antônio Pinheiro/Aloir Machado, Boa Parada, 1 casa (casa 3 do conjunto da Boa Parada): tem 5 m de diâmetro por 1 m de profundidade. Nela foi feita escavação de 1,50 x 1,50 m, proporcionando pouco lítico e nenhuma cerâmica. Sobre o piso foi conseguida uma data de 650 anos AP. 27°38'29.70"S e 50°35'28.00"O. Ver adiante.

SC-CL-44 - Pedro Chaves, Boa Parada, 8 casas. As de número 1 a 6 estão medianamente conservadas, a de número 7, no meio de um campo de futebol, está quase imperceptível, a de número 8 está bem conservada. 27°38'52.60"S e 50°35'28.70"O. As casas de 1 a 7 estão na baixa vertente do Morro das Capoeiras, 8 está no topo do Morro.

Casa 1: 3,50 m de diâmetro de boca e 0,30 m de profundidade,

Casa 2: 2,30 m de diâmetro de boca e 0,15 m de profundidade,

Casa 3: 5,50 x 7,60 m de boca e 0,70 m de profundidade,

Casa 3 A: 2,40 m de diâmetro de boca e 0,25 m de profundidade,

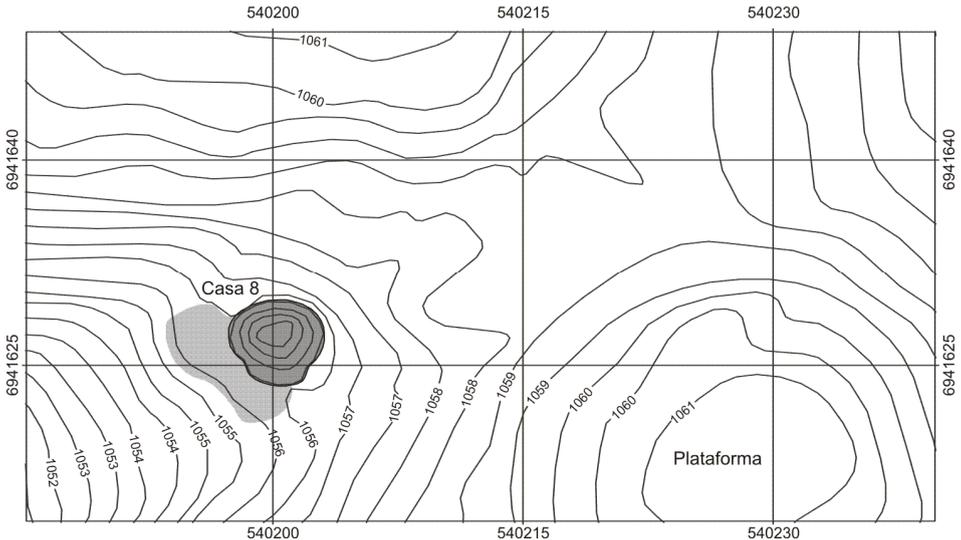
Casa 4: 3,00 m de diâmetro de boca e 0,20 m de profundidade,

Casa 5: 4,70 m de diâmetro de boca e 0,70 m de profundidade,

Casa 6: 1,75 m de diâmetro de boca e 0,10 m de profundidade,

Casa 7: rasa, não medida.

Casa 8, com 6,60 x 6,50 de boca e 2,40 m de profundidade, possui um aterro de 6,30 m de largura e 1,70 m de altura. Está no alto do morro, abrigada entre dois topos dos quais se tem uma visão de 360 graus sobre a área. O topo do qual se tem a melhor visão do vale apresenta uma plataforma com 17 m de diâmetro, que tem a aparência de não ser natural. A casa 8 tem o acesso mais difícil e está mais longe da água. Poderia ter sido um posto de observação. Nela foi feita a limpeza da vegetação maior com a intenção de fazer um corte, que não chegou a se realizar, mas Raul Viana Novasco fez uma planta (figura 4).



**Figura 4:** Planta da casa 8 do sítio SC-CL-44: à esquerda a casa com seu aterro; à direita a plataforma mencionada.

**SC-CL-45** - Alfredo Melo Sobrinho, Boa Parada, 10 casas subterrâneas e 2 montículos alongados, medianamente conservados. 27°38'26.60"S e 50°35'51.50"O.

- Casa 1: 7,30 x 7,30 x 2,10m,
- Casa 2: 3,80 x 3,80 x 0,75m,
- Casa 3: 3,60 x 3,80 x 0,55 m,
- Casa 4: 4,10 x 4,10 x 0,70 m,
- Casa 5: 6,90 x 6,90 x 1,20 m,
- Casa 6: 6,80 x 6,80 m,
- Casa 7: 3,80 x 4,50 x 1,10m,
- Casa 8: 4,50 x 3,50 x 0,54 m,
- Casa 9: 4,70 x 4,70 x 0,75 m,
- Casa 10: 10,00 x 5,40 x 1,40 m.
- Montículo 1: 4,40 x 3,00 m.
- Montículo 2: não medido.

**SC-CL-46** - Miguel Antunes, 2 casas subterrâneas, medindo, respectivamente, 8,50 m de diâmetro por 1 m de profundidade e 11 m de diâmetro por 1,70 m de profundidade, e 2 montículos que medem 22 e 17 m de diâmetro e 1 m de altura. Na proximidade, então plantada com milho, foram recolhidos 11 objetos líticos e 352 fragmentos cerâmicos (Dados de Reis). Os dois montículos, por seu tamanho, podem não representar apenas a sobra da terra escavada nas duas casas, mas ter adquirido um significado especial como indica a muita cerâmica dos seus arredores, então plantados com milho. O grande montículo do SC-CL-52 a dista poucas centenas de metros.

**SC-CL-47** - Miguel Antunes, 1 casa subterrânea com 7 m de diâmetro por 2 m de profundidade (Dados de Reis).

SC-CL-48 - 5 casas subterrâneas, medindo 3, 4, 4,50, 5 e 7 m, respectivamente, e entre 0,70 e 2 m de profundidade (Dados de Reis).

SC-CL-49 - 2 casas subterrâneas, ambas com 6 m de diâmetro, 1m e 1,20 m de profundidade, junto às quais foram recolhidos 319 fragmentos cerâmicos, em área plantada com milho (Dados de Reis).

SC-CL-50 - 4 casas subterrâneas, uma com 6 m de diâmetro por 1,70 m de profundidade e 3 com 12 m de diâmetro e entre 1,80 m e 3 m de profundidade (Dados de Reis).

SC-CL-51 - 5 casas subterrâneas, uma com 4 m de diâmetro e 1 m de profundidade, as demais com 5 m de diâmetro e 0,80 a 0,90 m de profundidade (Dados de Reis).

SC-CL-52 - Itacir, Fazenda Bom Jesus, 1 casa subterrânea com 20 m de diâmetro e 7 m de profundidade, bem conservada, na qual Reis fez escavações, que indicaram duas ocupações, como anotamos anteriormente. 27°38'12.30"S e 50°36'39.80"O.

SC-CL-52 a - Renato, Fazenda Bom Jesus, 1 grande montículo, resultante da terra produzida na escavação da casa anterior, da qual dista aproximadamente 40 m. O montículo está conservado e plantado com eucalipto. 27°38'15.50"S e 50°36'37.10"O. Reis indicou extensão de 30 x 28 m e 2,20 m de altura, fez nele uma trincheira transversal, mas não encontrou material, como indicamos anteriormente. Percorremos os arredores e só encontramos materiais recentes da casa de um morador.

SC-CL-53 - 2 casas subterrâneas, uma com 5,50 m de diâmetro por 0,90 m de profundidade, outra com 8 m de diâmetro e 2 m de profundidade (Dados de Reis).

SC-CL-54 - 2 casas subterrâneas, com 6 m de diâmetro e 0,80 de profundidade e outra de 8 m de diâmetro por 1,80 m de profundidade (Dados de Reis).

SC-CL-55 - 6 casas subterrâneas, sendo três com 5 m de diâmetro e profundidade entre 0,80 e 0,90 m, duas com 6 m de diâmetro e 1 m de profundidade e uma com 2 m de diâmetro e 0,60 m de profundidade (Dados de Reis). A pequena distância oeste do SC-CL-94 e sudoeste do SC-CL-56. Sítio destruído para implantação do curral de gado da Associação de Criadores.

SC-CL-56 - 2 casas subterrâneas, uma com 12,50 m de diâmetro e 1,50 m de profundidade, a outra com 2,50 m de diâmetro e 0,60 m de profundidade (Dados de Reis). A casa de número 1 tem 13 x 2,80 m e está bem conservada. Nela foi feita escavação de 5,50 m<sup>2</sup>, até 1,30 m de profundidade, sem aparecer cerâmica. Sobre o piso foi conseguida uma data de 830 anos AP. Na periferia da casa foram executados dois cortes de 1 x 1 m, num dos quais apareceu uma bonita lasca, nada no outro. Ver adiante.

Na proximidade da casa 1 existe um montículo, não visto por Reis, com 11,40 x 9,30 m e menos de 0,50 m de altura. Sem intervenção.

SC-CL-57 - 1 casa subterrânea, com 15,50 m de diâmetro e 3,80 m de profundidade (Dados de Reis). Poderia ser Anastácio Correa Neto, Paredão? 27°35'37.80"S e 50°38'56.10"O.

SC-CL-58 - 18 casas subterrâneas, com duas de 3, oito de 4, três de 5, três de 6, uma de 7 e uma de 8 m de diâmetro, com profundidades desde 0,50 até 1,30 m. (Dados de Reis).

SC-CL-59 - 2 casas subterrâneas, situadas uma ao lado da outra, uma com 8 m de diâmetro e 2,90 m de profundidade; a outra com 3 m de diâmetro e 0,60 m de profundidade (Dados de Reis). Nova visita: 2 casas e 2 montículos circulares. 27°38'17.30"S e 50°35'26.70"O.

A casa 1 tem 4,50 x 1,65 m. Está bem conservada, mas entulhada de resíduos de vidro e plástico das festas do vizinho salão da CDL. Foi parcialmente limpa, depois abandonada por excessivo lixo.

A casa 2 está bem conservada, foi limpa, mas não medida. Possui tamanho semelhante à anterior, porém é mais rasa.

O montículo 1 tem 5,60 m de diâmetro e menos de 1 m de altura.

O montículo 2 tem 7,10 m de diâmetro e menos de 1 m de altura.

SC-CL-92 - Otelino Rogério Garcia, Fazenda Bom Jesus, 2 casas subterrâneas destruídas por lavoura mecanizada. 27°38'1.20"S e 50°39'26.10"O. No terreno plantado de milho foi realizada coleta superficial de cerâmica e de objetos líticos. Não registrado por Reis. Ver adiante.

SC-CL-93 - Família Valtrik, Fazenda Nova, 2 casas bem conservadas, a primeira de aproximadamente 10 m de diâmetro e 2 m de profundidade, a segunda, com aproximadamente 5 m de boca e 2 m de profundidade. 27°41'14.20"S e 50°34'13.90"O. Ao redor delas foi feita coleta superficial. Não registrado por Reis. Ver adiante.

SC-CL-94 - Vercedino Antônio Pinheiro/Aloir Machado, Boa Parada, 1 'danceiro'. 27°38'29.70"S e 50°35'28.00"O. Sítio não registrado por Reis.

O 'danceiro', no pasto antes de chegar às casas de SC-CL-56 e SC-CL-43 e 43 a, é formado por 3 montículos medianamente conservados, 2 deles com anéis rebaixados e uma taipa de terra; o quarto montículo teria sido destruído para construção de moradia. No centro do aterro 1 foram realizados três cortes contíguos de 1,00 x 2,00 m, dos quais saiu bastante cerâmica Itararé e material lítico; a base foi datada em 770 anos AP. No aterro 2 foi feito um corte de 1 x 1 m com reduzido material da mesma espécie. No aterro 3 foram realizados 2 cortes de 1 x 2 m, com menos material que no 1 e mais que no 2.

### **As intervenções nos sítios de 2008 a 2010**

Em janeiro de 2008 a equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas visitou alguns destes sítios, fez intervenções no SC-CL-56 com escavações na casa 1 e dois cortes na sua proximidade; escavou a casa 3, sítio SC-CL-43 a; realizou 4 cortes estratigráficos ao redor das casas 4, 5, 6, 7 do SC-CL-43; coletou material na superfície do sítio SC-CL-92; visitou o sítio SC-CL-93, onde também coletou material superficial.

Em janeiro de 2009 fez escavações nas casas 4 e 6 do conjunto SC-CL-43 e realizou um corte estratigráfico de 1 x 2 m no 'danceiro' (SC-CL-94).

Em 2010, em parceria com o GRUPEP/UNISUL, realizou topografia da área mais próxima da cidade, fez 5 cortes no 'danceiro', uma trincheira de 4 m<sup>2</sup>

na casa 7, uma trincheira de 4 m<sup>2</sup> na casa 5, 3 cortes na proximidade das casas 4 e 5, e 4 trincheiras junto às casas 4 e 5 do sítio SC-CL-43 e limpou a casa 8 do SC-CL-44.

As escavações foram feitas em níveis artificiais de 10 cm e os sedimentos cuidadosamente revisados, mas não peneirados.

O conjunto dos sítios SC-CL-43, 43 a, 56 e 94, em cujas estruturas se fizeram as escavações, ocupa um terreno levemente ondulado, que se inclina para banhado de altura, origem de um córrego sem nome conhecido. Todas as estruturas em que houve intervenções de certo porte encontram-se na proximidade deste banhado. Em campo limpo, levemente mais alto e mais afastado do banhado, está o 'danceiro' (94), atualmente com três estruturas anelares. A uns 400 m de distância, em direção ao banhado, em mata secundária limpa, o 56, com as casas 1 e 2 e, a uns 40 m de distância da casa 1, acompanhando o declive em direção ao banhado, um montículo raso. A uns 150 m de distância da casa 1, em direção sudeste, em mata secundária limpa, encostada no banhado, está a casa 3 (43 a) e a menos de 100 m desta, na mesma mata, as casas 4, 5, 6 e 7 do sítio 43; estas últimas estão junto a forte declive de uns 100 m de altura, ao pé do qual se encontra a cidade de São José do Cerrito.

#### **O 'danceiro': SC-CL-94**

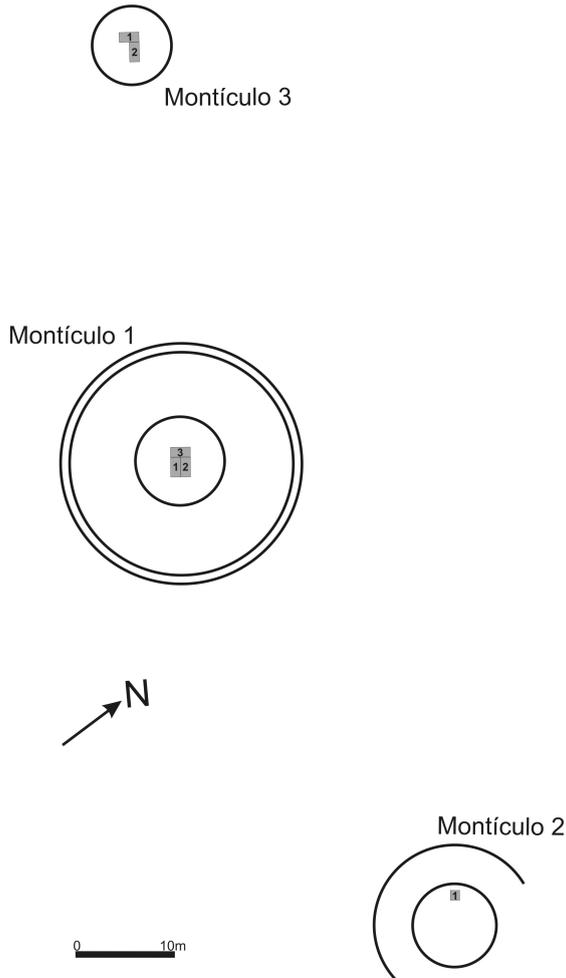
O 'danceiro' (figura 5) está no topo levemente ondulado de uma colina, cercado por ondulações negativas em que a água das chuvas permanece mais tempo, numa delas criando pequeno banhado com vegetação característica.

Antigamente o espaço era coberto por mata mista com Araucária, como os arredores em que, embora depauperada, a mata ainda persiste ou se regenerou, guardando as casas subterrâneas.

Segundo o proprietário, depois de desmatado, o local teria sido transformado em pasto e assim teria permanecido. Antigo arrendatário cria ali algumas vacas e um cavalo.

Hoje o sítio se compõe de três montículos rasos, tendo sido recentemente destruído um quarto, mais alto, que estava no terreno vizinho, construindo-se uma residência no seu lugar. Maria José Reis não se deu conta deste sítio, ao menos não o registrou.

O montículo maior encontra-se no alto da colina. Mede 9,40 x 9,00 m de diâmetro e 0,60 m de altura. Está circundado por pequeno anel rebaixado e este por uma taipa rasa. Do centro do aterro até a taipa são 12 m. O conjunto tem aproximadamente 20 m de diâmetro.



**Figura 5:** Croqui esquemático do 'danceiro', SC-CL-94.

O segundo montículo, na declividade que dá para pequeno banhado, dista 56 m. Mede 8,30 x 6,45 m e 0,60 m de altura. No lado do aclave, depois de um anel rebaixado, há uma taipa rasa de terra, distante 3,45 m do centro. No lado do declive esta taipa aparentemente nunca existiu.

O terceiro montículo, na direção oposta do segundo, dista 32,40 m do aterro central. Não tem anel, nem taipa. Mede 8,00 m de diâmetro e 0,60 m de altura. Foi mais prejudicado pelo manejo anterior do terreno e perdeu uma parte da superfície para um caminho que leva para o interior do pasto, em direção ao sítio SC-CL-56.

## O montículo 1

No ponto mais alto do montículo 1 foram abertos três cortes contíguos de 1,00 x 2,00 m, em níveis de 10 cm. O corte 1 foi feito no sentido leste-oeste; o corte 2, na mesma direção, encostando no anterior; o corte 3, no sentido sul-norte, encostando na extremidade leste dos anteriores. A superfície escavada, de 2,00 x 3,00 m, proporcionou uma visão clara das camadas e da ocupação do centro do montículo (figuras 6, 7, 8 e 9). Na oportunidade não se fizeram sondagens no anel rebaixado, nem na taipa.

O corte 1, feito em 2009, chegou a uma profundidade de 0,95 m. As camadas apresentam as seguintes características:

Camada 1: areno-argilosa, com algum saibro e húmus recente, compacta, cor marrom, 5/6 (*yellowish red*) da tabela de cores 5YR; pisoteada pelo gado e coberta por grama baixa. Sem material arqueológico aparente.

Camada 2: mais densa, com saibro amarelado, cor marrom, 5/6 (*yellowish red*). Material: 1 seixo quebrado.

Camada 3: marrom, 5/6 (*yellowish red*), com saibro. Contém pequenos fragmentos cerâmicos da tradição Itararé.

Camada 4: mais clara, compacta, marrom, 5/8 (*yellowish red*). Teria sido a camada superficial na formação original do terreno. Contém fragmentos cerâmicos.

Camada 5: areno-argilosa, menos compacta que a anterior; marrom escuro, passando de 5/3 a 5/4 (*reddish brown*); com carvão e pequenos blocos rachados e seixos queimados de basalto, em toda a extensão da quadrícula, mas principalmente no seu lado leste. Superfície de ocupação antes da formação do aterro. No canto leste da quadrícula, onde havia mais carvão, foram encontrados um cristal maior e cinco lascas do mesmo material; no resto da quadrícula o carvão e as pedras queimadas e pequenos grânulos de carvão chamavam atenção.

Camada 6: Neste mesmo lado leste da quadrícula, no qual apareceu o quartzo lascado, o corte foi aprofundado por mais 10 cm, chegando-se à camada argilosa avermelhada existente abaixo da camada de primeira ocupação em sua formação original.

Indicamos abaixo os materiais recuperados na remoção dos sedimentos por níveis artificiais. Quando não se explicita a matéria prima, esta é basalto. Com o termo fragmento denominamos objetos líticos de formas variadas, que podem ser globosos ou com pouca massa. Pequenos são considerados objetos até 5 cm; médios, objetos entre 5,1 e 7,5 cm; grandes entre 7,6 e 10 cm.

Nível 11-20 cm: 2 fragmentos cerâmicos, 1 seixo quebrado.

Nível 21-30 cm: 5 fragmentos cerâmicos, 4 pequenos cristais.

Nível 31-40 cm: 12 fragmentos cerâmicos, 1 pequena lasca cortical, 1 seixo natural muito grande, 1 lasca natural muito grande, 1 fragmento natural pequeno, 4 cristais de quartzo lascados.

Nível 41-50 cm: 2 fragmentos cerâmicos, 2 fragmentos naturais pequenos, 6 cristais de quartzo pequenos.

Nível 51-60 cm: 13 fragmentos cerâmicos, 1 pequeno núcleo de calcedônia, 14 cristais lascados ou naturais.

Nível 61-70 cm: sem cerâmica, 1 pequeno núcleo de quartzo, 1 cristal natural, 1 pedaço de drusa, 2 fragmentos naturais pequenos, 3 médios e 3 grandes.

Nível 71-80 cm: sem cerâmica, 1 cristal de quartzo, 4 fragmentos pequenos de quartzo, 1 artefato que parece pequena enxada.

Os cortes 2 e 3 mostram mais claramente a estratigrafia do montículo.

O corte 2 foi aprofundado até 1,00 m. O material arqueológico aparece até a profundidade de 0,80 m, onde começa o substrato natural. As camadas do corte 2 do montículo 1 são as seguintes:

Camada 1: Sedimento areno-argiloso marrom escuro, saibroso, bastante compactado, bastante umidade. Presença de raízes, carvão, cerâmica e objetos líticos. De uns 15-20 cm de espessura. Camada do aterro impactada pelo uso agropecuário.

Camada 2: Sedimento areno-argiloso marrom avermelhado, saibroso, muito compactado, muita umidade. Mínima presença de raízes. Fragmentos de cerâmica, carvão e objetos líticos. De uns 20-25 cm de espessura. Camada do aterro não diretamente impactada pelo uso agropecuário.

Camada 3: Sedimento areno-argiloso marrom escuro, bastante compactado, granulometria fina, muita umidade. Presença de fragmentos de cerâmica e carvão em grande quantidade. De uns 30 cm de espessura. Camada de ocupação humana anterior à acumulação do saibro.

Camada 4: Sedimento areno-argiloso marrom avermelhado, saibroso, muito compactado, bastante umidade. Substrato natural antes da ocupação humana.

O material arqueológico do corte 2 é o seguinte:

Nível 0-10 cm: 1 fragmento de cerâmica, 2 cristais lascados, 1 fragmento de lascamento.

Nível 11-20 cm: 18 fragmentos cerâmicos (2 ponteados), 1 lasca cortical média, muitos cristais, 20 lascados, 1 pequeno núcleo de calcedônia, 2 lascas pequenas de calcedônia, 5 fragmentos pequenos, 2 médios, 2 núcleos pequenos, 1 grande, muitos basaltos vermelhos pelo fogo, saibro, carvão.

Nível 21-30 cm: 1 talhador bifacial (dorso de tartaruga), 2 quartzos lascados, cristais. Carvão pouco.

Nível 31-40 cm: 3 fragmentos de cerâmica, 1 núcleo de quartzo, 1 lascado, 1 fragmento de lascamento, 1 núcleo grande, cristais. Carvão em quantidade média.

Nível 41-50 cm: 7 fragmentos de cerâmica, 1 lasca média, 1 seixo quebrado, 2 pedras pequenas. Carvão em quantidade média. Data 770 +/- 40 AP, cal. 2 sigmas 740 a 660 anos AP, ou AD 1.210 a 1.290 (Beta-275576).

Nível 51-60 cm: 1 quartzo hialino lascado, 2 quartzos leitosos lascados, 3 cristais, 1 percutor e 22 objetos de basalto pequenas e médias retalhadas. Carvão em quantidade média.

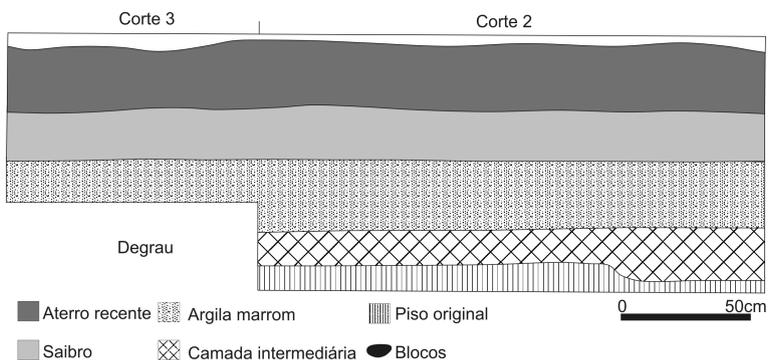
Nível 61-70 cm: 14 cristais, 9 cristais lascados, 1 lasca de quartzo leitoso, 1 núcleo de calcedônia, 1 lasca média, diversos seixos meteorizados de basalto.

Nível 71-80 cm: 9 quartzos inteiros.

Nível 81-90 cm: sem material arqueológico.



**Figura 6:** Parede sul do corte 2 do montículo 1.



**Figura 7:** Perfil da parede sul do corte 2 do montículo 1.

O  corte 3  foi aprofundado até 0,60 m, mostrando o mesmo perfil do corte anterior. O material arqueológico do corte 3 é o seguinte:

Nível 0-10 cm: 1 fragmento cerâmico, 4 quartzos lascados.

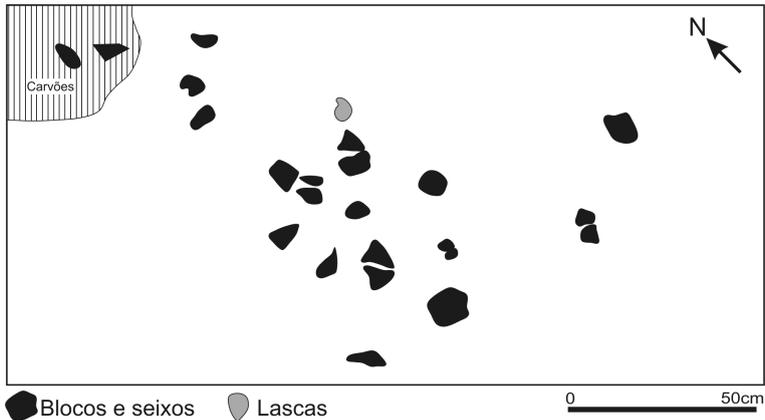
Nível 11-20 cm: 5 fragmentos de cerâmica, 1 lasca côncava pequena, 1 lasca média, 2 quartzos lascados. Carvão quantidade média.

Nível 21-30 cm: 1 lasca muito grande (enxada), 1 lasca média. Carvão pouco.

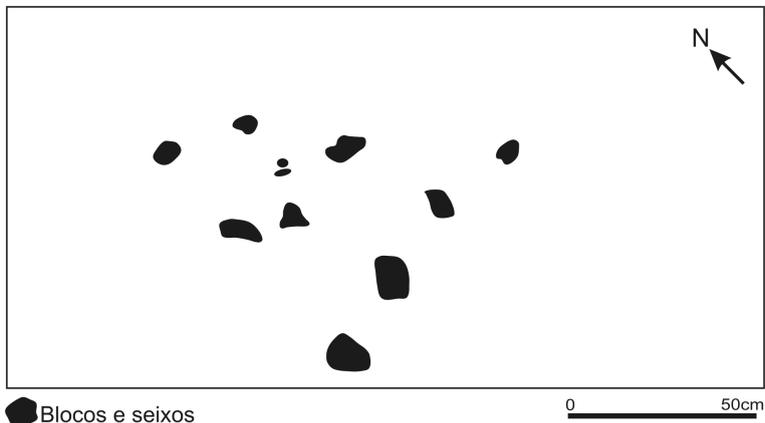
Nível 31-40 cm: 1 fragmento cerâmico, 1 lasca média, 2 quartzos lascados, 1 drusa quebrada. Carvão pouco.

Nível 41-50 cm: 2 fragmentos cerâmicos, 1 núcleo prismático médio, 4 cristais lascados, 3 cristais. Carvão pouco.

Nível 51-60 cm: 13 fragmentos cerâmicos, 13 quartzos lascados, 1 núcleo médio, 1 lasca pequena, 1 núcleo e 1 lasca de calcedônia, 1 quartzo. Carvão em quantidade média.



**Figura 8:** Material no nível 6 do corte 2 do montículo 1.



**Figura 9:** Material no nível 7 do corte 2 do montículo 1.

## **O montículo 2**

No montículo 2, perto do banhado, foi aberto um corte de 1,00 x 1,00 m, mais próximo ao anel rebaixado do que nos outros cortes, nos quais foram realizados no centro dos respectivos aterros. Ele foi aprofundado até 20 cm. Não apareceu a camada de saibro, permanecendo a escavação no solo original, mais solto na superfície, mais compactado depois. No nível 1 foi encontrado 1 fragmento cerâmico, 1 núcleo grande sobre seixo de rio, 1 lasca, 6 quartzos lascados. Não foi recolhido carvão. Não foi desenhado o perfil.

## **O montículo 3**

No montículo 3 foi aberto o corte 1 de 1,00 x 2,00 m, aprofundado até 0,50 m e o corte 2, do mesmo tamanho, mas um pouco menos fundo (figuras 10 e 11).

As camadas dos cortes 1 e 2 são as seguintes:

Camada 1: Sedimento areno-argiloso, saibroso, marrom escuro, compactação média, alta umidade. Presença de raízes. Camada impactada pelo uso agropecuário.

Camada 2: Sedimento areno-argiloso, saibroso, marrom avermelhado, compactação alta, alta umidade. Presença de carvão, cerâmica e lítico em menor quantidade. Na base da camada aparece um horizontal formado por pequenos blocos de rocha vermelha, provavelmente por causa de aquecimento. Camada não diretamente impactada pelo uso agropecuário.

Camada 3: Sedimento areno-argiloso marrom mais escuro. Compactação alta, granulometria fina, alta umidade. Presença de carvão, cerâmica e lítico.

Camada 4: Sedimento areno-argiloso, saibroso, marrom avermelhado. Compactação alta, alta umidade.

As espessuras das camadas são um pouco menos potentes que as do montículo 1.

No corte 1 apareceu o seguinte material:

Nível 0-10 cm: 1 lasca média, muitos cristais pequenos, alguns lascados. Carvão de queimada recente proveniente de ramos de uma árvore de eucalipto próximo.

Nível 11-20 cm: 4 fragmentos cerâmicos, 1 nucleiforme médio, vários pequenos, várias drusas quebradas. Carvão como no nível anterior.

Nível 21-30 cm: 12 cristais lascados, 7 cristais, 3 pedaços de drusa. Carvão como nos níveis anteriores.

Nível 31-40 cm: Carvão pouco.

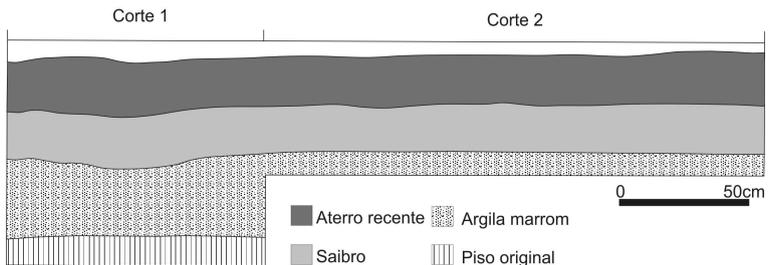
No corte 2:

Nível 11-20 cm: 2 fragmentos cerâmicos.

Nível 21-30 cm: 7 cristais lascados, muitos cristais (1 ametista, 1 citrino), 2 pedaços de drusas.



**Figura 10:** Cortes 1 e 2 do montículo 3: paredes sul e oeste.



**Figura 11:** Perfil da parede norte dos cortes 1 e 2 do montículo 3.

### Comentários

As camadas que aparecem nos perfis dos cortes permitem entender o processo de formação dos montículos. No solo, anteriormente à deposição da camada de saibro, que forma a elevação, havia uma ocupação representada por densa e espessa camada de sedimentos escurecidos, contendo carvão, pedras agrupadas e modificadas pelo fogo, artefatos lascados em quartzo, calcedônia e basalto, além de bastantes fragmentos cerâmicos.

O limite entre a camada escura de ocupação e a do saibro acumulado sobre ela é nítido, retilíneo e horizontal, sem indícios de covas, buracos e

transições, mostrando um acúmulo intencional em ação rápida. O aterro circular produzido está cercado por um anel um pouco rebaixado, provável origem desse saibro. Por outro lado, a passagem da camada escura para o sedimento marrom avermelhado, compacto, subjacente a ela, é transicional, indicando uma deposição, ou formação, mais gradual como ocorre com a ocupação mais demorada de um espaço em que os resíduos vão sendo abandonados e se acumulam.

O material arqueológico é mais abundante e mais estruturado na camada escura, indicando uma utilização mais longa anterior ao aterro, mas também aparece disperso na camada de saibro e na superfície da mesma, originário de ações posteriores à construção.

No nível de 21-30 cm do corte 2 do montículo 1 apareceu um talhador bifacial e no mesmo nível do corte 3 um outro em forma de 'enxada', que podem ser amostras dos instrumentos usados para fazer o aterro.

Como não chegamos a escavar a taipa não sabemos com que sedimentos ela foi construída e se, por debaixo dela, também existe a camada escura da ocupação registrada nos aterros 1 e 3.

A data conseguida para o montículo 1 do 'danceiro' (770 anos AP) mostra que, mesmo não sendo a estrutura mais antiga com relação às ocupações do conjunto SC-CL-43, ele antecede a várias delas.

Existem marcadas semelhanças entre este 'danceiro' e o escavado em Eldorado, Misiones, por Iriarte, Gillam e Marozzi (2008): as datas são praticamente idênticas; em ambos existem camadas e fogões sobrepostos, indicando sucessivas utilizações do lugar. Os típicos fogões compostos por grande quantidade de seixos selecionados, que em Eldorado se repetem em sucessivos estratos, não foram encontrados no 'danceiro' por nós escavado, onde só temos dois estratos e os seixos são menores e menos agrupados; mas um fogão igual aos de Misiones foi encontrado por baixo do aterro nivelador da casa 4/5 datada de 640 anos AP; o fogão foi datado de 2.640 anos AP.

Marco Aurélio Nadal De Masi (2009) observou nos 'danceiros' escavados em área próxima à nossa, os mesmos conjuntos de seixos descritos por Iriarte *et al* e com datas também parecidas, valendo para isso a nossa observação anterior. Mas uma outra comparação com seu material é importante: a data do fogão por nós escavado debaixo do aterro da casa 4/5 se aproxima da que Marco De Masi tem para uma aldeia antiga em área muito próxima ao lugar de nosso projeto; para esta aldeia o autor não oferece detalhes, nem menciona fogões. Marco Aurélio encontrou sepultamentos agrupados e sobrepostos num pequeno montículo dentro do 'danceiro' descrito; em nossa área de pesquisa ainda não foram encontrados sepultamentos. No centro da estrutura De Masi descreve um aterro retangular com uma depressão central, com paredes endurecidas pelo fogo e dois pequenos fogões. Esta estrutura lembra a da casa 4/5, que será descrita mais adiante, que está sobreposta ao fogão com datação de 2.640 anos AP.

Na área de nosso projeto existem aterros grandes que não parecem constituir estruturas anelares como as descritas: é o aterro SC-CL-52 a, e os dois aterros do SC-CL-46. No sítio SC-CL-45 foram registrados dois montículos

alongados, possivelmente funerários, que também foram observados em outros sítios dos Campos de Lages por Reis. Além dos sítios anelares e dos grandes e pequenos montículos existem, no planalto catarinense, ainda superfícies aplanadas circundadas por taipas de terra, encerrando ou não casas subterrâneas (RS-CL-09). As várias formas de aterros e estruturas anelares não necessariamente desempenham as mesmas funções, sociais, funerárias ou de sobras de terra após o nivelamento da casa (Rohr, 1971; Reis, 2007; Cope *et al*, 2002; Saldanha, 2008; Muller, 2008). Este é um tema que ainda permite muita especulação e pesquisa.

Em nossa área existem elementos materiais que distinguem o 'danceiro' das casas próximas: maior abundância da cerâmica e menor tamanho dos recipientes; abundantes lascas de cristal de quartzo, praticamente inexistente nas casas; maior densidade da camada de ocupação anterior ao acúmulo do saibro. Isto nos faz pensar que o 'danceiro' desempenhava papel específico na história do povoamento local e que, tendo surgido bem cedo, deve ter acompanhado as diversas fases desse povoamento.

### **SC-CL-56, a casa 1**

A casa tem 13 m de diâmetro por 2,80 m de profundidade está bem conservada.

A casa e seu entorno foram limpos da vegetação herbácea e de galhos caídos. O interior da depressão foi dividido em 4 quadrantes iguais, com as linhas divisórias orientadas pelos pontos cardinais. A primeira intervenção de 2 x 2 m, ocupava a parte central, quase plana, do quadrante nordeste. Para se ter uma idéia da parede da casa, a escavação de 2 m de lado foi prolongada por uma trincheira de 2,20 m, com 0,70 m de largura, escavada do mesmo jeito, sem alcançar a parede; faltaria mais ou menos 1 m (figuras 12, 13, 14 e 15).

Os sedimentos foram retirados em níveis de 10 cm, revisados cuidadosamente com colher de pedreiro, registrados em planilhas e fotografados.

As camadas, com inclinação da borda para o centro da casa, mostram o sucessivo preenchimento da depressão, mais lento antes de seu abandono, mais rápido depois. São as seguintes:

Camada 01: com espessura de 40 cm, argilosa, compacta, com raízes (uma grande), granulação média, cor 7.5YR 5/6 (*strong brown*), sem material arqueológico, resultante de esboroamento e lavagem das paredes e do aterro por atividade humana de superfície e trânsito de animais, além da decomposição de folhas e galhos caídos. Sem material arqueológico.

Camada 02: com espessura de 30 cm, argilosa, compacta, saibrosa, com seixos de basalto em decomposição (o interior do seixo cor 10YR 7/6 (*yellow*), a cor da camada 7.5YR 5/6 (*strong brown*); sedimento resultante do esboroamento da parede após o abandono da casa e a perda do teto. Nela existe algum material arqueológico isolado, mas sem estruturas, nem carvão.

Camada 03: com espessura de 60 cm, argilosa, compacta, sem granulação aparente, cor 7.5YR 5/4 (*brown*), permeada em toda a extensão por estratos escuros com muita cinza, mas sem carvão granulado, cor 7,5YR, 3/2 (*dark brown*), que representam lugares de fogo. Com material lítico e carvão, mas sem cerâmica.

Camada 04: com espessura de 10 cm, argilosa, crescendo um pouco para a borda, mais compacta, sem granulação aparente, cor 2.5YR 4/8 (*red*). Repousa sobre laje de rocha basáltica em toda a extensão do corte, do centro até a proximidade da parede. Sobre este piso havia estruturas de combustão com bastante carvão e algum material lítico.

Camada 05: uma laje plana de basalto.

Retirado o entulho, a profundidade da casa, que era de 2,80 m, passou a ser 4,20 m.

A camada 04, que no canto C tem 50 cm de espessura, vai afinando em direção ao centro da casa. No canto, perto da parede original da casa, apareceu uma estrutura de combustão formada por um núcleo piramidal de uns 20 cm de diâmetro, 1 bloco globoso de 15,50 cm de diâmetro e carvão. No canto B da quadrícula principal apareceu uma estrutura maior, como se verá abaixo. A camada 04 testemunha uma primeira ocupação da casa, datada do século XII/XIII de nossa era.

A camada 03, que na borda externa tem 90 cm de espessura, também afina em direção ao centro. Testemunha um período intenso de ocupação, com grandes manchas escuras sucessivas, indicadoras de lugares de combustão. A camada aparece mais na parte central da casa e, na medida em que os sucessivos pisos se vão elevando em direção à parede, ela se dilui na camada, que é toda ela mais escura. Nem o material lítico, nem os grãos de carvão estão dentro das manchas, que seriam lugares de fogueiras mais permanentes, mas sem armação de pedras.

A camada 02 é um pouco mais grossa no extremo da escavação, perto da parede, onde também aparece um bloco de basalto em decomposição, mas logo passa a apresentar espessura regular. É o primeiro preenchimento da casa após o abandono. Resulta do sedimento que formava a parte superior do aterro nivelador da borda e corresponde à rocha em decomposição que foi atingida antes da laje basáltica do piso da casa.

A camada 01 corresponde a um período em que a mata se recuperou e o sedimento arrastado para a depressão se tornou mais fino. Nessa última deposição entra a decomposição de folhas e galhos e o rejeito de covas de animais fossadores, como o tatu. Do mesmo falaremos na casa 6.

O material por níveis:

Os níveis 0-10, 11-20, 21-30, 31-40 não apresentaram nenhum material arqueológico.

Nível de 41-50 cm: 1 lasca secundária: 15,50 x 9,50 x 2,70 cm (face interna com bulbo, com bordo natural convexo), 1 lasca secundária irregular: 5,40 x 3,50 x 3,00 cm, 1 lasca secundária: 3,50 x 2,60 x 1,00 cm, 1 fragmento: 9,00 x 3,10 x 3,00 cm, 2 pedaços de drusa com cristais pequenos, 5 cristais

naturais +- 1 cm, 1 cristal natural +- 2 cm, 2 fragmentos naturais: 8,10 cm, 6 fragmentos naturais pequenos.

Nível de 51-60 cm: 1 fragmento de instrumento bem polido (3 faces com lado reto), 1 lasca secundária pequena, 1 lasca semicortical pequena, 1 núcleo prismático ou piramidal: 8,00 cm, 10 fragmentos naturais pequenos, 4 fragmentos naturais médios.

Nível de 61-70 cm: 1 lasca secundária pequena, 1 lasca secundária grande (7,30 x 8,60 x 2,50 cm), 2 fragmentos pequenos, 1 placa de arenito com uma face alisada: 8,40 x 6,50 x 2,70 cm (alisador), 9 fragmentos naturais pequenos, 7 fragmentos naturais médios, 2 fragmentos naturais grandes, 1 seixo natural pequeno.

Nível de 71-80 cm: 1 lasca secundária circular, 1 lasca alongada semicortical: 8,20 x 4,30 x 07 cm, 1 talhador: 8,5 x 9 x 2,8 cm, 1 núcleo poliédrico sem córtex: 5,20 cm, 1 núcleo irregular com face cortical: 6,59 cm, 5 fragmentos naturais pequenos, 3 fragmentos naturais médios, 4 fragmentos naturais grandes, 2 cristais naturais pequenos, 2 cristais lascados pequenos.

Nível de 81-90 cm: 2 lascas secundárias: 7,0 e 8,8 cm, 1 fragmento de lascamento cortical: 6,6 cm, 1 núcleo poliédrico parcialmente cortical: 6 cm, 1 núcleo piramidal de lâminas, uma face cortical: 9,1 cm, 4 fragmentos naturais pequenos, 4 fragmentos naturais médios, 3 fragmentos naturais grandes.

Níveis 91-100 e 101-110 não produziram material, apesar de conterem estratos de cinza correspondentes a fogueiras.

Nível 111-120 cm: 1 lasca cortical: 6,50 cm, 1 lasca secundária, 1 talhador: 8,50 x 14,20 x 4,10 cm, 1 fragmento parcialmente cortical: 5,50 cm, 1 núcleo grande prismático, talvez natural: 8,40 cm, 1 núcleo grande poliédrico: 9,60 cm, 1 núcleo com 1 plano de percussão: 7,20 cm. Data de 830 +- 40 AP, cal. 2 sigmas AD 1160 a 1270 (Beta-242151).

Nível 121-130 cm: 1 núcleo piramidal: 10 cm, 1 núcleo prismático: 8,50 cm, 1 núcleo prismático com muito córtex: 9,50 cm, 1 núcleo prismático sem córtex: 7,20 cm, 1 núcleo cônico: 11 cm, 1 núcleo irregular: 12,10 cm, 1 fragmento irregular: 7,70 cm, 1 fragmento irregular: 9,0 cm.

Fora da casa foram abertos dois cortes de 1,00 x 1,00 m para testar possíveis áreas de atividade externas, mas pouca coisa foi encontrada.

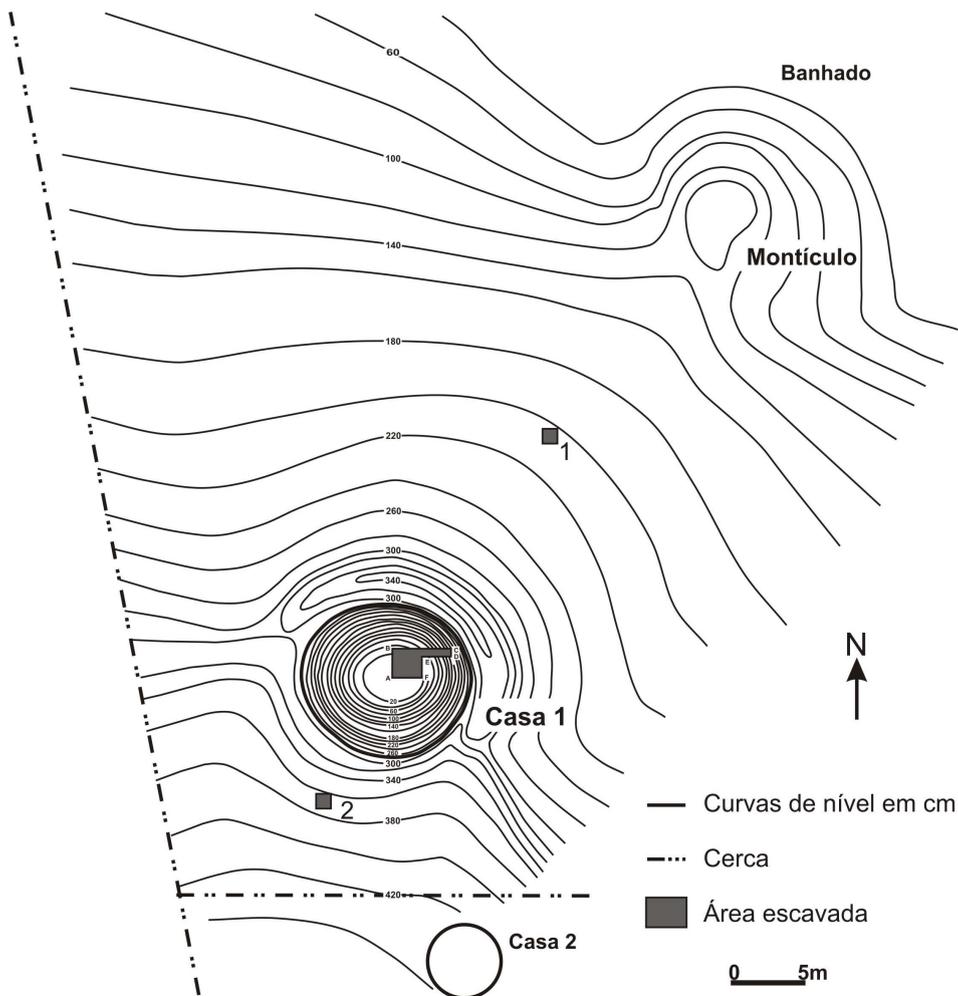
Corte 1, no alinhamento entre a casa 01 e o montículo, aproximadamente no meio entre um e outro. Ao redor de 10 cm de profundidade apareceram grânulos de carvão, plaquetas de basalto e um pequeno cristal de quartzo, naturais. O perfil do corte tem 25 cm de sedimento *dark brown* (7.5YR, 3/2), proveniente de interferência humana (cultivo, gado, ocupação indígena) e 25 cm de sedimentos *brown* (7.5YR, 5/4), da decomposição natural da rocha basáltica do substrato. Nenhum material cultural foi encontrado.

Corte 2, perto da casa 01, no limite entre o aterro e o aclive natural, perto da cerca, alcançando 30 cm de profundidade. Todo o sedimento é argiloso, compacto, marrom (*brown*, 7.5YR, 5/4); aos 20 cm foi recuperada uma

lasca secundária grande, de boa matéria-prima, junto com carvão, marcando pequeno horizonte de ocupação, abaixo de um resto de aterro.

Nenhuma cerâmica foi encontrada em toda a casa, nem nos dois cortes externos.

A espessura e densidade da camada arqueológica indicam ocupação prolongada por anos. Seria a casa subterrânea pioneira deste lugar e sua ocupação seria provavelmente a de uma família extensa ou de uma organização social parecida.



**Figura 12:** Planta do sítio SC-CL-56, com as casas 1 e 2, o montículo e os cortes realizados.



**Figura 13:** Vista da casa 1, SC-CL-56, antes da escavação.



**Figura 14:** Vista da intervenção feita na casa 1, SC-CL-56.

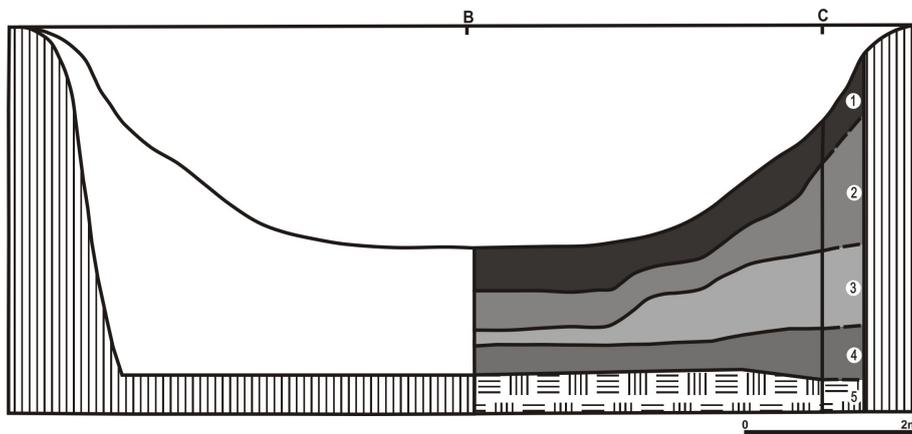


Figura 15: Perfil das camadas da parede norte do corte, casa 1, SC-CL-56.

### SC-CL-43 a: a casa 3

A casa 3, com 5,00 m de diâmetro e 1,00 m de profundidade, dista uns 150 m da casa 1, estando em mata secundária, a poucos metros de um banhado, numa pequena encosta, que logo se alça num afloramento de basalto, em blocos grandes, formando um degrau; depois segue com aclive de inclinação menor, terminando em terreno relativamente plano em direção ao 'dancheiro'. Inicialmente duvidamos que a estrutura fosse uma casa, porque está muito perto da água, prensada contra o afloramento de basalto e ainda estava cheia de taquaras secas; mas ela possui um aterro nivelador bem visível, largo, embora não muito alto. Depois de limpa das taquaras e retirado o principal entulho vindo da encosta, ela se destacou (figuras 16, 17 e 18).

No centro, foi delimitada uma quadrícula de 1,50 x 1,50 m, retirando o entulho recente, que formava os dois primeiros níveis. No nível 3, foram encontrados 6 blocos quebrados (núcleos ou blocos rachados por ação térmica), que marcam o lugar do esteio central da casa. No nível seguinte (nível 4) apareceram mais dois, menores, no mesmo local, confirmando a interpretação anterior. Maior quantidade de carvão apareceu neste nível, sobre o piso ascendente, primeiro num lado da quadrícula, depois em toda a extensão. Foram recolhidos poucos artefatos, indicados abaixo; nenhuma cerâmica.

A camada de ocupação, de uns 10 cm de espessura, é mais visível contra o lado ascendente do piso e menos claramente no resto da quadrícula, em direção ao banhado, onde a filtração de água era mais forte. O piso é de basalto em decomposição, que aparece em pequenas lajes justapostas ou como saibro. Como a borda da casa só estava nivelada na parte que dá para o banhado, onde foi depositado o aterro, sendo a outra borda formada pelo terreno ascendente onde havia grandes blocos caídos, possivelmente a estrutura aérea não teria sido cônica, mas talvez formada por um telhado de uma só água, apoiado no degrau de basalto.

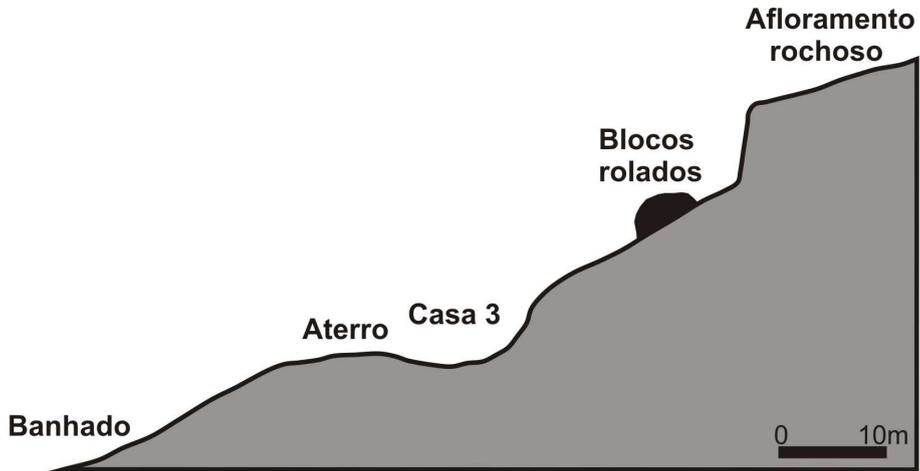
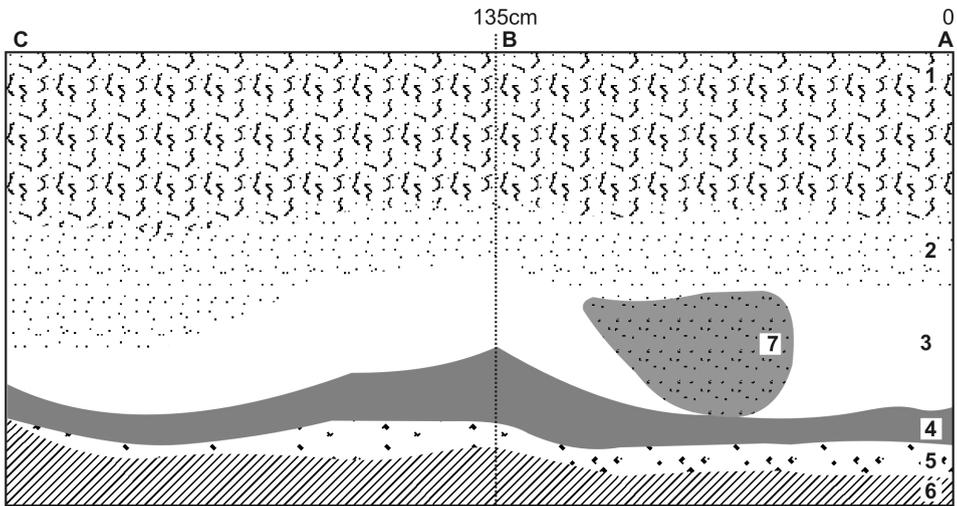


Figura 16: Implantação da casa 3 (SC-CL-43 a) no perfil do terreno.



- |                    |             |                          |                        |
|--------------------|-------------|--------------------------|------------------------|
| 1. entulho geral   | 3. ?        | 5. seixos esparsos       | 7. fogueira com seixos |
| 2. seixos pequenos | 4. ocupação | 6. rocha em decomposição |                        |

Figura 17: Perfil de duas paredes contíguas do corte no SC-CL-43 a.



**Figura 18:** Blocos rochosos no centro da casa 3.

O material por níveis:

No nível 11-20 cm: 2 fragmentos de lascamento grandes, 3 fragmentos naturais pequenos, 1 fragmento natural médio, 1 fragmento natural mais que grande.

No nível de 31-40 cm: 1 lasca prismática média, 2 fragmentos naturais pequenos, 2 fragmentos naturais médios, 2 fragmentos naturais grandes.

No nível 41-50 cm: 1 lasca secundária média, 1 lasca secundária mais que grande, 1 fragmento prismático de lascamento, médio, 1 fragmento prismático de lascamento, grande, 1 núcleo irregular pequeno.

O carvão recolhido no nível 05 resultou numa data de 590 +/- 40 AP cal. AD 1290 a 1420 (Beta-242152).

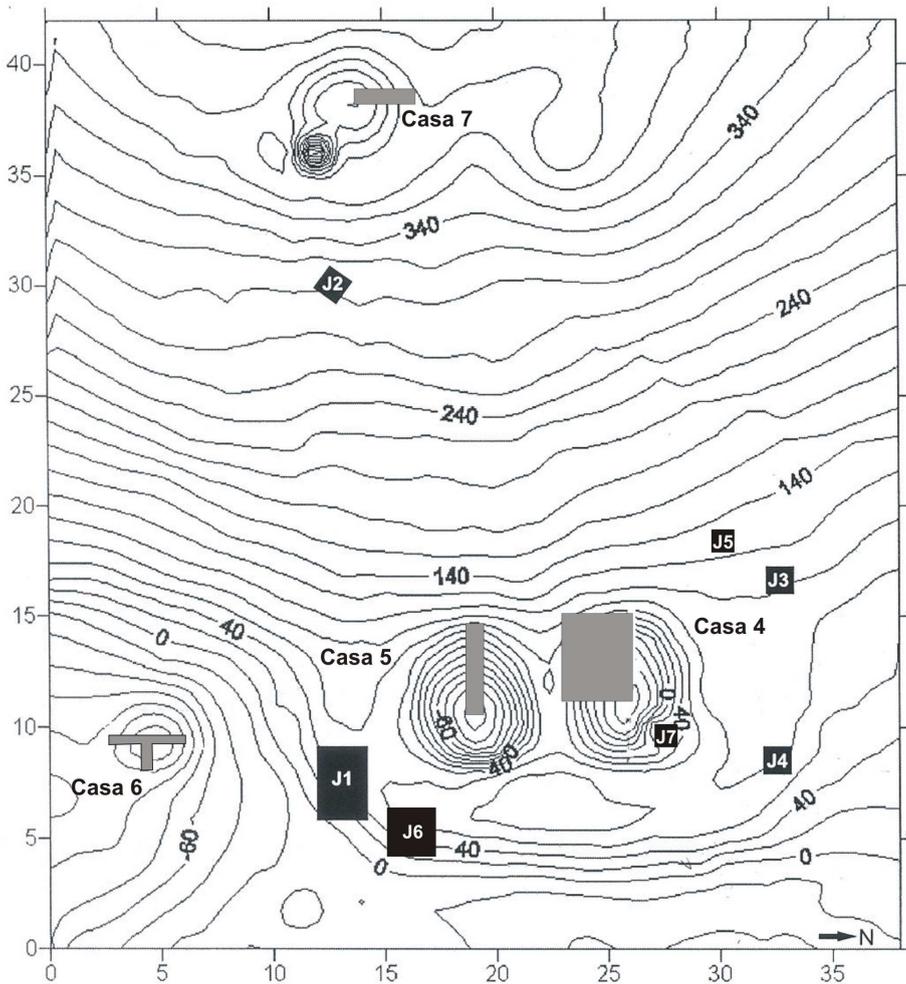
Trata-se de ocupação de pouca duração, por indivíduo ou pequeno grupo de pessoas, talvez para fins específicos, numa posição estratégica: encostada no banhado e defendida por um muro de grandes blocos de basalto.

O SC-CL-43 compreende as casas 4/5, 6 e 7.

#### **A casa 4, SC-CL-43**

A depressão-casa 4, com 5,20 x 6,00 de boca e 1,75 m de profundidade, foi limpa das taquaras que tinham crescido densamente em todo o seu interior e que, na ocasião, estavam mortas e secas. Depois, a estrutura foi dividida em quatro quadrantes iguais, com as linhas divisórias orientadas pelos pontos cardinais. Para a escavação foi escolhido o quadrante sudeste,

que foi limpo da vegetação rala que o cobria, mantendo-se os demais quadrantes como estavam para evitar o aumento da erosão ao longo das paredes. A escavação foi feita em níveis de 10 cm, acompanhando a inclinação da superfície da parede e do entulho em seu interior. Os materiais que apareceram foram fotografados e registrados em planilhas. O perfil das paredes foi desenhado. Amostras de carvão e de sedimentos foram recolhidas para análise. A escavação foi aprofundada até 1,30 m, depois que alcançou o piso formado em parte por um sedimento vermelho, compacto, proveniente da decomposição da rocha *in loco*, em parte por um bloco de basalto diaclasado (figuras 19, 20, 21 e 22).



**Figura 19:** Sítio SC-CL-43 mostrando as estruturas e as intervenções.

A casa fora escavada em terreno com suave inclinação de Sul para Norte e para Nordeste. No lado do aclave (sul) a parede é composta por basalto em decomposição. No lado oposto (norte) é formada por alto e largo aterro, que partilha com a depressão-casa 5, da qual está separada por uma parede, um pouco mais baixa, de apenas um metro de largura.

A parede sul da depressão-casa não era vertical, mas na sua parte superior apresentava uma larga aba com suave inclinação para o centro, seguida por um estreito degrau mais inclinado, após o qual a parede descia vertical até o piso. (A parede sul da casa 5 apresenta degraus semelhantes.) O diâmetro da depressão-casa, incluída a aba, seria de 7,50 m de diâmetro, o piso, de aproximadamente 4,00 m.

Os sedimentos, que preencheram a casa, durante e depois da ocupação, são areno-argilosos, bastante soltos em toda a profundidade e contêm estruturas de combustão simples, nas duas camadas de ocupação, com pouco material. As camadas registradas no perfil são as seguintes:

Camada 1, de húmus recente com restos de tocos de taquara e a grossa raiz de uma árvore, que crescera na borda da casa, cujo tronco apodrecido ainda estava lá. Valor, na tabela de cores de Munsell, 3/2 do conjunto 5YR (*dark reddish brown*). Nenhuma estrutura, nenhum material.

Camada 2, de sedimentos posteriores ao abandono definitivo da casa. Na base da camada, ao longo da parede e no centro, algumas pedras de basalto, junto às quais apareceram os primeiros fragmentos de cerâmica, de tradição Itararé e um fragmento de mão de pilão. Cor marrom, 5/3 (*reddish brown*).

Camada 3, escura, mais delgada na borda e aumentando em espessura e densidade em direção ao centro da casa, onde aparecem cerâmica, artefatos líticos e pequenas estruturas formadas por reduzidas lajes ou blocos de basalto, junto com fragmentos cerâmicos. Cor 4/4 (*reddish brown*). Segunda ocupação.

Camada 4, estrato de saibro, rolado para dentro da casa abandonada, posteriormente à primeira ocupação representada pela camada 5, e anteriormente à ocupação com cerâmica. Indica que a casa estava desabitada e sem cobertura, permitindo que o saibro do aterro rolasse para dentro dela. A camada, por sua composição, se distingue claramente da anterior e da posterior e não contém material. Cor 4/6 (*yellowish red*). (A mesma camada de saibro aparece na casa 5, na mesma profundidade, como se verá depois.)

Camada 5, espessa, sem recuperação de cerâmica, mas com alguns seixos, núcleos e pequenas estruturas, que termina em blocos, formando uma estrutura de combustão sobre laje de basalto diaclasado, que constitui o piso no centro. Cor 4/6 (*yellowish red*).

Camada 6. Sedimento compacto de cor mais clara, 6/8 (*reddish yellow*), que forma o piso da casa e, no centro, é terminado pela laje de basalto diaclasado. Este piso não era plano, mas levemente côncavo, inclinando da borda para o centro.

A escavação terminou aos 130 cm de profundidade. Somando esta medida aos 175 cm iniciais, calculamos que a depressão-casa original, na primeira ocupação, teria aproximadamente 3 m de profundidade abaixo da superfície do terreno.

A casa fora escavada em terreno com suave inclinação de Sul para Norte e para Nordeste. No lado do aclave (sul) a parede é composta por basalto em decomposição. No lado oposto (norte) é formada por alto e largo aterro, que partilha com a depressão-casa 5, da qual está separada por uma parede, um pouco mais baixa, de apenas um metro de largura.

A parede sul da depressão-casa não era vertical, mas na sua parte superior apresentava uma larga aba com suave inclinação para o centro, seguida por um estreito degrau mais inclinado, após o qual a parede descia vertical até o piso. (A parede sul da casa 5 apresenta degraus semelhantes.) O diâmetro da depressão-casa, incluída a aba, seria de 7,50 m de diâmetro, o piso, de aproximadamente 4,00 m.



**Figura 20:** As depressões-casas 4/5 com o nivelamento que as unifica.



Figura 21: Parede oeste e piso do corte feito na depressão-casa 4.

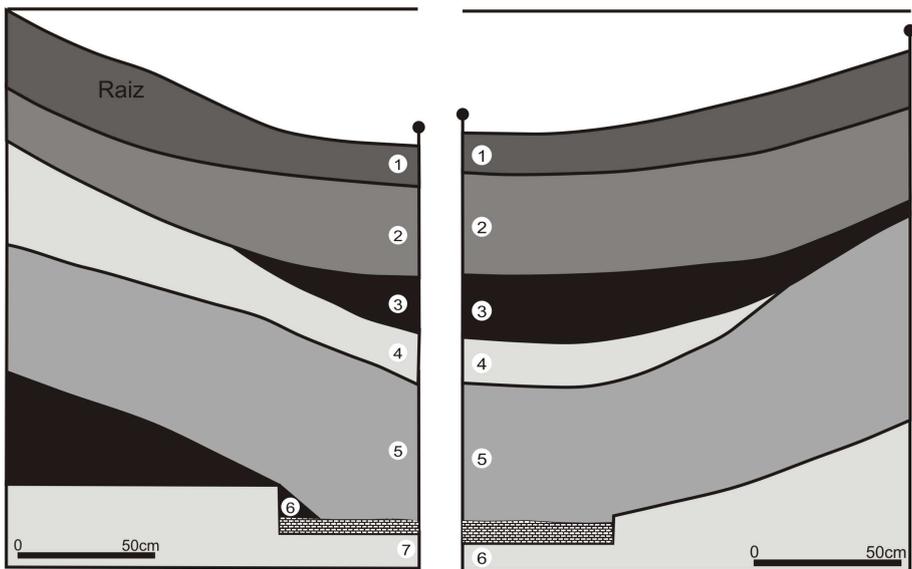


Figura 22: Perfis das paredes oeste e norte da depressão-casa 4.

A casa foi ocupada em dois momentos: o primeiro, no qual não foi encontrada cerâmica e havia pouco carvão, corresponde à camada 5, não datada; o segundo, correspondente à camada 3, com cerâmica da tradição Itararé, datada em 470 +/- 50 anos AP, cal. 2 sigmas 550 a 470 anos AP, ou AD 1420 a 1450 (Beta-256216). Entre uma e outra ocupação a casa estaria abandonada, permitindo a formação de uma camada de saibro lavado do aterro. Depois da segunda ocupação se deu o abandono definitivo, com o crescimento da mata, o desmatamento pelo homem branco, lavouras tradicionais e novo abandono que redundou em pasto para o gado, permanecendo árvores e crescendo a taquara.

Por níveis artificiais o material apareceu da seguinte maneira (ver planos abaixo):

Nível 11-20 cm: 2 fragmentos naturais médios e 3 grandes.

Nível 21-30 cm: 7 fragmentos cerâmicos, sendo 3 de base, 2 de corpo, 2 de bordas, de ao menos 3 vasilhas diferentes. Sobre a borda da depressão havia um fragmento de mão de pilão. Um fragmento natural médio, 4 grandes e 1 pedaço de drusa com cristais. São elementos de uma estrutura simples de combustão.

Nível 31-40 cm: mais 2 fragmentos cerâmicos do corpo, 2 fragmentos de lascamento pequenos, 1 médio, 1 lasca secundária média, 1 fragmento natural pequeno e 1 médio. É a continuação da estrutura de combustão.

Nível 41-50 cm: mais 4 fragmentos cerâmicos de uma vasilha pequena, 2 lascas pequenas, 1 grande, 1 núcleo rudimentar, um bloco achatado grande, 3 fragmentos naturais pequenos, 3 médios, 1 seixo de calcedônia pequeno, 1 seixo com marcas de fogo. São elementos da estrutura de combustão que se inclina em direção ao centro da casa.

Nível 51-60 cm: 1 fragmento de cerâmica de perto da base, 1 núcleo de quartzo pequeno, 1 fragmento de calcedônia pequeno, 1 fragmento natural pequeno, 1 médio.

Nível 61-70 cm: 2 fragmentos de cerâmica, 1 lasca grande, 1 mais que grande, 1 lasca secundária média, 1 pedaço de drusa de quartzo, 1 fragmento natural com algumas retiradas, maior quantidade de carvão, no centro da casa.

Nível 71-80 cm: carvão, disperso, continua em direção ao centro da casa, sem artefatos ou estruturas.

Níveis 81-90 cm, 91-100 cm: sem material.

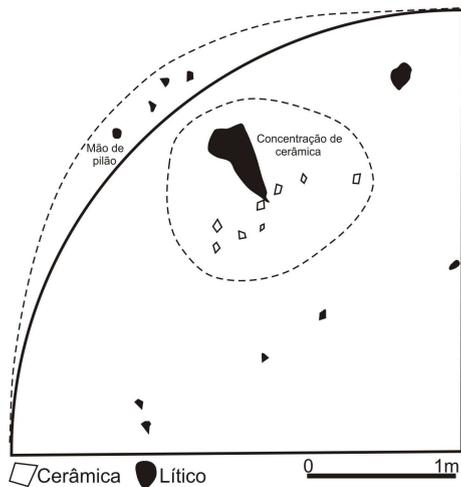
Nível 101-110 cm: três blocos naturais muito grandes, 2 fragmentos naturais pequenos, 5 médios, 4 grandes, 1 núcleo irregular grande, carvão muito disperso, formando uma estrutura de combustão. Sem cerâmica.

Nível 111-120 cm, corte de 50 x 50 m: continuam os blocos, sem outro material.

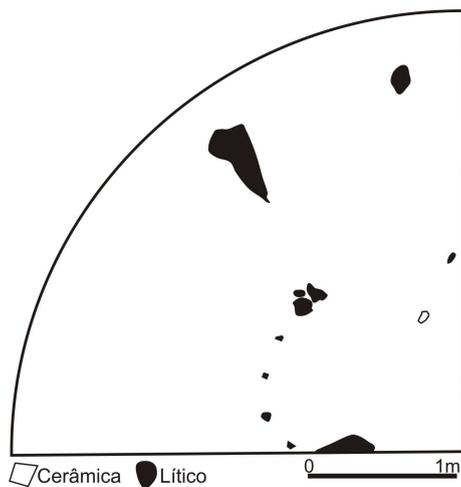
Nível 121-130 cm, corte de 50 x 50 m: continua o grande bloco de basalto diaclasado.

A depressão escavada forma um todo com a depressão chamada casa 5, separada só por uma parede um pouco mais baixa, com aproximadamente 1 m de espessura. Elas partilham as mesmas camadas. As duas foram

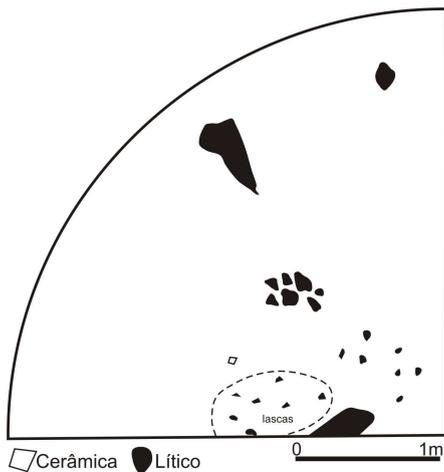
escavadas na suave declividade do terreno e com a terra removida se formou um alto aterro no lado do declive, juntando as duas depressões numa só estrutura de aproximadamente 20 m no sentido leste-oeste e 15 m no sentido sul-norte.



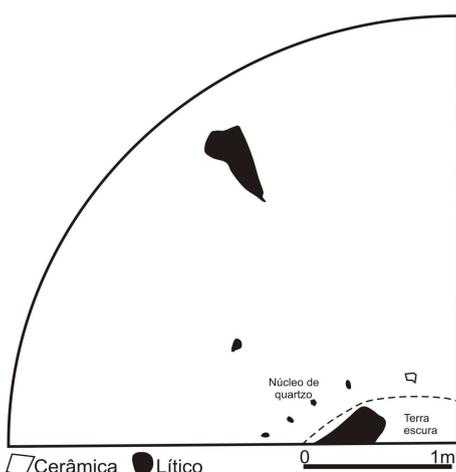
Casa 4, nível 3



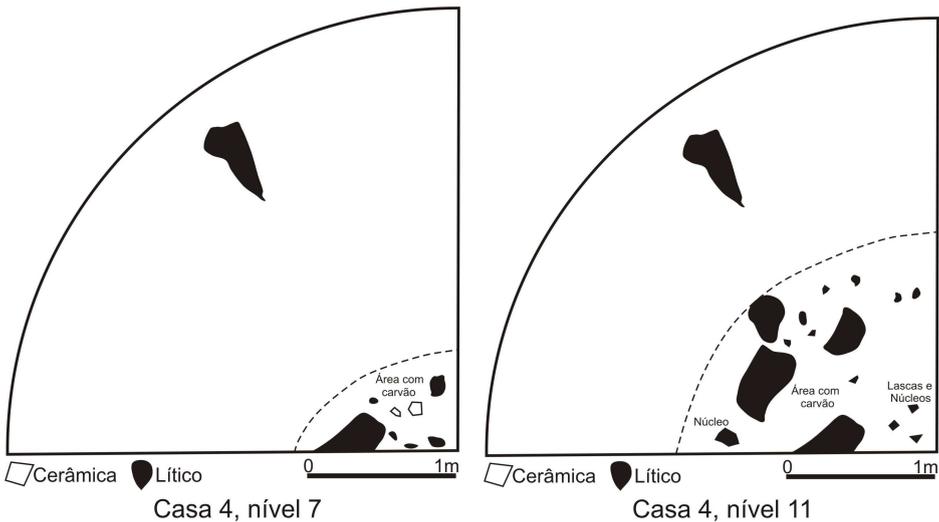
Casa 4, nível 4



Casa 4, nível 5



Casa 4, nível 6



### A casa 5, SC-CL-43

Foram feitos dois cortes contínuos de 1 x 2 m, em níveis artificiais de 10 cm, abrangendo do centro até a borda perceptível da casa e ultrapassando-a em parte.

Primeiro foi escavado o corte 1, do centro da casa em direção sul, aprofundando-o até o piso, o qual é composto por uma camada areno-argilosa, uniforme, compacta, marrom avermelhada, decomposição do basalto. O centro da casa (a esquina noroeste do corte) apresenta, nesta profundidade, uma depressão junto e sobre a qual havia diversos blocos de pedra de diferentes tamanhos, com carvão e um fragmento cerâmico. Na esquina oposta, no sudeste do corte, já aparece a ponta da rocha, que vai preencher o corte 2. As camadas apresentam a mesma estrutura e sucessão que as da casa 4. Nas camadas superficiais existem perturbações, resultantes da existência de árvores, que apodreceram ou queimaram dentro do chão. Mas a metade inferior do pacote de sedimentos não apresenta nenhum tipo de perturbação. As camadas combinam inclinação de sul a norte (da periferia para o centro) e de leste a oeste, indicando que o piso não era plano, mas côncavo, como o da casa 4, inclinando da borda para o centro. O acúmulo dos sedimentos areno-argilosos alcança 130 cm de espessura em toda a extensão do corte 1 (figura 23).

No primeiro metro a partir do centro, continuando na parede norte e leste, estão localizados os restos de uma grande árvore com o tronco e raízes de diversos tamanhos, a qual queimou dentro do chão e deixou muito carvão. Durante vários níveis recolhemos este carvão abundante junto com os grãos esparsos pelas camadas ocupacionais e só depois conseguimos identificar os restos da árvore, fazendo, então, uma remoção da mesma, até um metro de profundidade. No resto do corte também havia buracos e restos de troncos,

que chamaram menos atenção, mas aparecem bem nas fotos dos primeiros níveis. O carvão dos níveis artificiais 9, 10, 11 e 12 é útil para datação e é relativamente abundante; o das camadas anteriores está misturado com carvões mais recentes. O dos níveis mais profundos, que representam a primeira ocupação, é formado, em grande parte por cascas carbonizadas de pinhão e ao menos 1 corpo de pinhão. Com exceção de alguns seixos maiores, numerosos fragmentos e pequenos blocos de basalto, que aparecem nos níveis médios, não resultaram de agrupamentos intencionais, mas do saibro, que escorreu ao longo da rocha que forma a parede sul.

Concluído o primeiro corte procedeu-se à sua extensão até a borda externa da casa, perfazendo outros 2 m (corte 2). Com pequeno aprofundamento, a partir da borda, foi alcançada a rocha basáltica, diaclasada e rugosa, que logo apresentava pequeno degrau correspondente ao aprofundamento do terreno para a primeira ocupação; após este degrau a rocha continua suavemente inclinada para o centro até cair abruptamente na divisa entre o corte 2 e o corte 1; uma ponta dessa rocha vinha aflorando na borda sul do corte 1. A rocha não preenche toda a superfície do corte 2, mas no lado direito de quem olha do centro, ao longo da parede longitudinal do corte, ela acaba abruptamente, sendo este espaço ocupado pelos mesmos sedimentos que preenchem o corte 1. Após a primeira ocupação, quando a casa estava abandonada e mal coberta, uma camada de saibro, lavada do aterro e da parede, cobriu a rocha aflorante e o interior da depressão. Para a segunda ocupação houve um pequeno aprofundamento na camada de saibro, produzindo novo degrau um pouco mais afastado da primeira borda, como se pode ver no perfil leste. Se na casa 4, por cima do saibro, se criou uma nítida camada de ocupação ceramista, com bastante carvão, datado de 470 anos AP, na casa 5 só aparecem exemplares isolados de cerâmica e lítico dentro do saibro e sobre ele. Por cima dessa camada de saibro se criou ainda uma camada recente, ligada ao período de desocupação final, à mata que tornou a crescer e à utilização do solo para cultivo.

No perfil deste corte 2 temos uma camada humosa superficial (1), seguida de uma camada de saibro (2), um reduzido nível de sedimento escurecido (3), seguindo logo a rocha conservada. A primeira corresponde às camadas 1 e 2 do corte 1, de sedimentos finos; a segunda corresponde à camada 3 do corte 1, saibrosa; a terceira talvez corresponda às camadas 4 e 5 do corte 1, de sedimentos finos. Se no corte 2 o piso é rochoso, no corte 1 ele é composto por um sedimento vermelho, compacto, decomposição da rocha.

As camadas naturais do corte 1 (figura 24, 25, 26 e 27):

Camada 1: Sedimento areno-argiloso, marrom escuro por causa do húmus, pouco compactado, granulometria média, muita umidade e raízes novas. (Reúne os níveis 0 a 30 cm).

Camada 2: sedimento areno-argiloso marrom, pouco compactado, granulometria média, com algumas raízes. (Reúne o nível de 31-40 e o começo do 41-50 cm).

Camada 3: Sedimento areno-argiloso marrom, saibroso, pouco compactado, alta umidade. Corresponde a um segundo momento ocasional de ocupação. (Reúne os níveis de 40 a 80 cm e parte do 81-90 cm).

Camada 4: Sedimento areno-argiloso marrom avermelhado, compactação média, granulometria fina e alta umidade. É a parte alta da primeira ocupação (Reúne os níveis de 91 a 120 cm).

Camada 5: Sedimento areno-argiloso marrom escuro avermelhado, média compactação, granulometria média e alta umidade. É a parte inicial da primeira ocupação. (É o nível de 121-130 cm).

Camada 6: Sedimento areno-argiloso marrom avermelhado muito compactado, granulometria média, com alta umidade. Base da casa, anterior à ocupação humana.

Correspondência com as camadas da casa 4: 1 e 2 são iguais, sem material. A camada 4, sem material na casa 4 corresponde à camada 3 na casa 5 com peças isoladas. A camada 5 da casa 4 corresponde às camadas 4 e 5 da casa 5, com material. O piso, em ambas as casas é côncavo e tem, no centro um conjunto de pedras formando uma estrutura.

Os níveis artificiais do corte 1 da casa 5, com seus materiais:

Nível 0-10 cm: Sedimento areno-argiloso marrom avermelhado (tom férreo), levemente compactado, granulometria fina, inúmeras raízes, matéria orgânica, áreas queimadas com nós de pinho e tronco queimados.

Nível 11-20 cm: Sedimento areno-argiloso marrom avermelhado, um pouco mais compactado, granulometria fina. Ainda nós de pinho e um seixo de basalto.

Nível 21-30 cm: Sedimento areno-argiloso marrom avermelhado, mais compactado. Desapareceram os nós de pinho.

Nível 31-40 cm: Sedimento areno-argiloso, como nos níveis anteriores. Todos estes níveis são de deposição recente.

Nível 41-50 cm: Fim da deposição recente. Na base do nível predomina um sedimento areno-argiloso mais claro e compacto, com saibro. No nível, especialmente em sua parte sul aparecem fragmentos e pequenos blocos de basalto. Na borda sul, um grande fragmento de cerâmica. No norte e leste da escavação aparece o resto de um grande tronco de árvore queimado dentro do chão. Restos menores, também carbonizados, apareceram na outra extremidade. Material: 1 fragmento grande de cerâmica, 1 lascão de uns 20 cm, 1 lasca de uns 13 cm, 1 lâmina grossa que parece de machado, 2 pedras.

Nível 51-60 cm: Sedimento areno-argiloso, saibroso, com aumento de pequenos fragmentos rochosos na parte sul e centro. Cor e consistência iguais ao nível anterior. Em direção norte continua o tronco queimado. Aparecem pedaços de rocha meteorizada: 2 grandes, 2 médios, outros pequenos.

Nível 61-70 cm: Mais compacta e clara; aumenta o saibro com os fragmentos de basalto, que escorre da superfície da rocha exposta. Continua o tronco queimado, ocupando agora espaço maior por causa da expansão das raízes. Material: 1 pedra grande com marcas, 1 núcleo de quartzo.

Nível 71-80 cm: Mesma cor e compactação. Continua o saibro, com muitos fragmentos de basalto em toda a extensão do corte. Foi removido o tronco queimado até 1 m de profundidade, deixando um buraco no piso e na parede norte. Material: vários fragmentos de cerâmica com 1 borda, 3 blocos grandes retalhados, 1 lascão, 4 lascas grandes ou médias (lugar de retalhamento).

Nível 81-90 cm: Mais saibro e fragmentos de basalto. Na parte sul, dois blocos maiores formando uma estrutura e junto duas lascas de basalto e cristais de quartzo. Material: lascas 1 e 2, 1 lascão (25 cm), que poderia ter servido de cavadeira, 1 pequeno núcleo, 2 cristais quebrados.

Nível 91-100 cm: Sedimentos areno-argilosos, consistência mais frouxa. Desapareceram o saibro e os fragmentos de basalto no lado sul e aparecem pedras no lado norte, onde seria o centro da casa e uma lasca de basalto no meio do corte. Material: 1 lasca de basalto, blocos naturais grandes e médios, formando estrutura.

Nível 101-110 cm: Sedimentos areno-argilosos, coloração um pouco mais escura, consistência mais frouxa. No canto começa a sobressair a ponta da rocha que preenche o corte 2, e dela se desprenderam pequenos fragmentos. Neste canto foi delimitado um espaço de 50 por 100 cm para recolher carvão com segurança, evitando mistura com o do tronco carbonizado; corresponde ao nível antes do saibro. Apareceu um fragmento grande de cerâmica na parede oeste e um menor no lugar em que antes estava o tronco de árvore. No que seria o centro da casa começaram a aparecer blocos maiores de basalto. Material: 1 lasca média, 2 fragmentos de cerâmica. Diversos restos carbonizados de pinhão de Araucária.

Nível 111-120 cm: Continuam os blocos no centro da casa, com um fragmento de cerâmica e um cristal de quartzo. Aparece cerâmica em outros pontos praticamente já sobre o piso. Neste e no nível anterior apareceram muitos restos de pinhão, mais de trinta unidades. Material: 10 fragmentos de cerâmica (de ao menos 3 recipientes de tamanhos diferentes), 1 núcleo bom, 1 seixo percutor, 1 lasca grande e bonita, 2 fragmentos de lascamento, 1 pedaço de drusa, 1 cristal quebrado. A data deste nível é 640 +/- 40 anos AP cal. 1 sigma 660 a 630 anos AP ou AD 1290 a 1320; cal. 1 sigma 600 a 560 anos AP ou AD 1350 a 1390; cal. 2 sigmas 670 a 550 anos AP, ou AD 1280 a 1400 Beta-275575).

De 121 cm em diante, o piso da casa é de laterita vermelha, decomposição *in loco* do basalto. Material: 1 fragmento de cerâmica, 1 lasca grande, 1 núcleo grande, 1 lasca média.

Os materiais do corte 2:

Nível 11-20 cm: 2 lascas, 1 cristal lascado, 1 seixinho de rio.

Nível 21-30 cm: 1 grande núcleo piramidal, 1 grande bloco com batidas, 1 enxó grande.



**Figura 23:** Corte 1 no centro da depressão-casa 5, SC-CL-43.



Figura 24: Paredes leste e norte dos cortes 1 e 2 na depressão-casa 5.

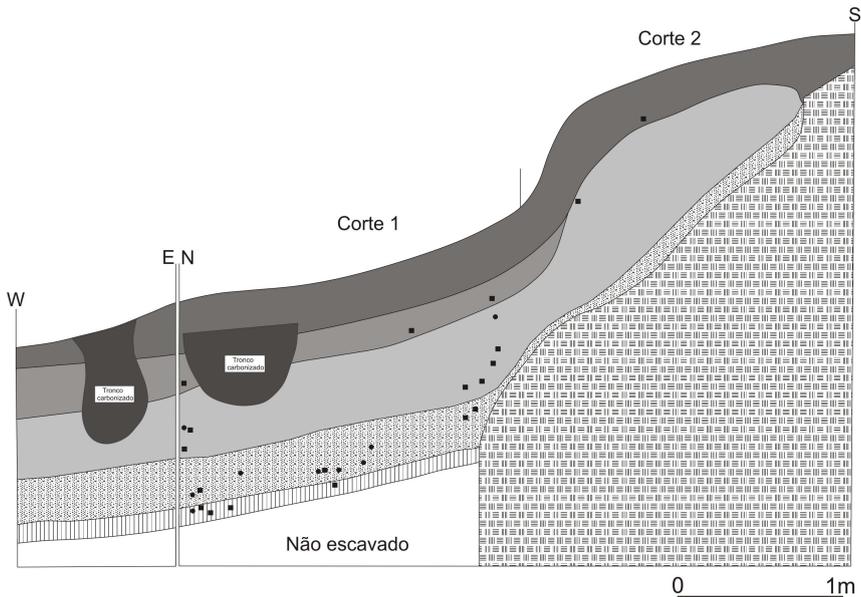


Figura 25: Perfil da parede norte (menor) e da parede leste (maior) dos cortes feitos na depressão-casa 5.



Figura 26: Paredes oeste do corte 1 e 2 na depressão-casa 5.

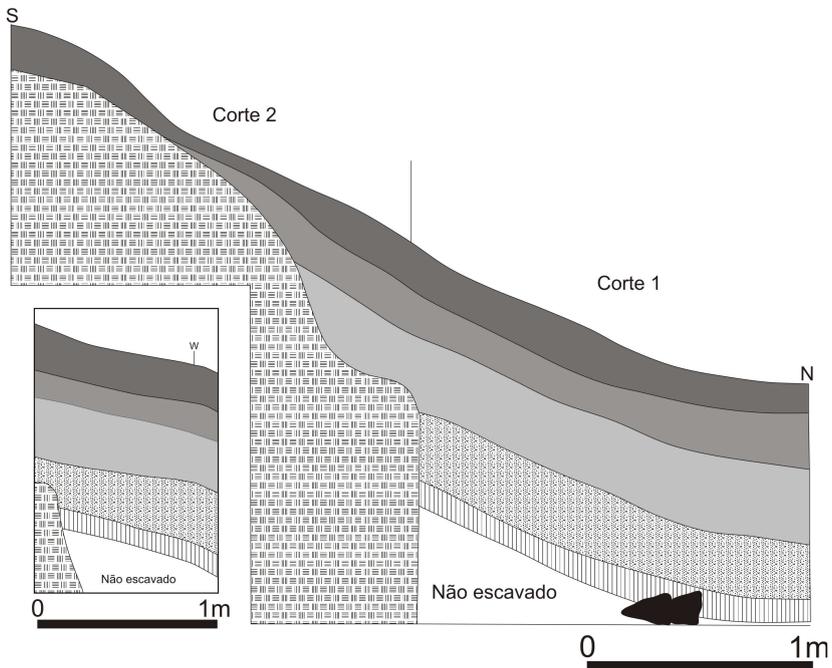


Figura 27: Perfil da parede oeste dos cortes 1 e 2 (maior) e da parede sul do corte 1 (menor) na depressão-casa 5.

### **As trincheiras e cortes ao redor das depressões-casas 4/5**

Desde 2009, o aterro que cerca três lados do conjunto das depressões-casas 4 e 5 chamou atenção por sua continuidade e sua forma. Ele cria uma plataforma elevada, a qual, junto com o acive do terreno no lado sul das casas, forma um retângulo de aproximadamente 20 por 15 metros, que incorpora, no eixo longitudinal, as duas depressões, que estão separadas por uma parede de apenas 1 m de largura. Nos três lados do retângulo o aterro é parecido na largura e na conformação superficial: ele sobe lentamente a partir das depressões até uma pequena crista, a partir da qual cai até a superfície do terreno original. A largura e a altura são aproximadamente as mesmas nos três lados do retângulo. No lado sul do retângulo o terreno natural sobe lentamente como no aterro e em algum ponto ele alcançaria a mesma altura do aterro; para isto ele também teria recebido um reforço, sob a forma de um pequeno aterro.

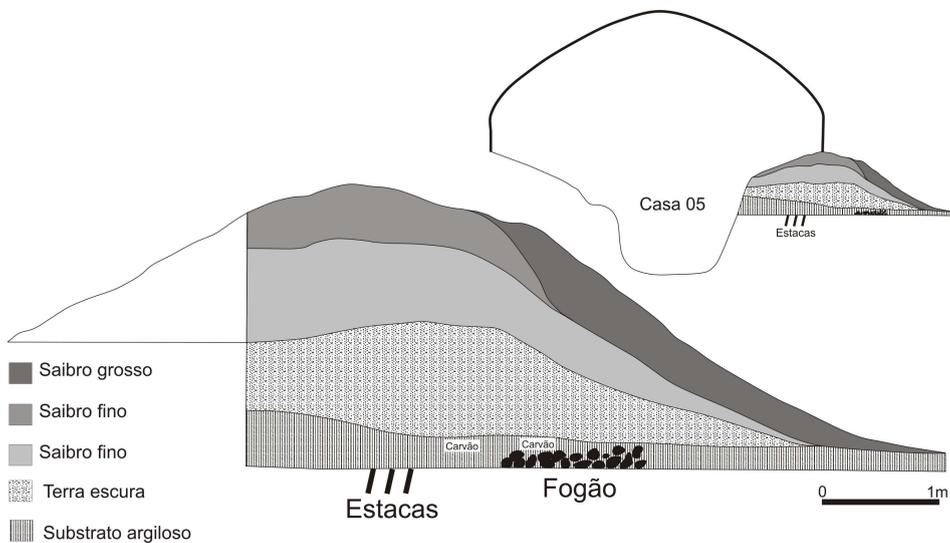
A hipótese que surgiu então era de que as duas depressões e o entorno criado constituíam uma unidade habitacional, coberta por uma estrutura aérea semelhante à das casas indígenas do Xingu. As duas depressões teriam uma função que ainda desconhecemos. O suave acive interno do aterro seria resultado de lavagem pela chuva após o primeiro abandono da casa; a superfície do aterro teria sido originalmente plana e horizontal, servindo para a circulação entre a parede e as depressões; a parede da casa, feita de material perecível, se ergueria sobre a crista atual do aterro e a água escorreria então pelo declive exterior, após o qual o terreno volta a ser quase plano.

Para testar a hipótese fizemos, primeiro, um corte de 1 x 2 m no aterro ao norte e perto da depressão-casa 4 (corte 7), onde apareceu um fragmento de lascamento na primeira camada, formada por saibro compactado de cor marrom. O corte não foi mais aprofundado porque se destinava a verificar se haveria materiais em cima do aterro dentro do perímetro da casa, o que foi confirmado.

Depois abrimos 4 trincheiras, com largura de 50 cm, cortadas em níveis artificiais de 10 cm, duas junto a cada uma das depressões, começando cada uma perto da borda e cruzando transversalmente o aterro até o terreno plano externo: uma cruzando o lado mais longo do retângulo, a outra cortando o lado mais curto, ou: duas no sentido sul-norte, duas no sentido leste-oeste, cada uma delas com aproximadamente 6 m de comprimento.

A trincheira 1, em frente à depressão-casa 5 (figuras 28 e 29), começa a 2,20 m da borda da casa, cobre todo o aterro e continua no terreno plano a seguir. As camadas que formam o aterro mostram, de cima para baixo, uma camada de sedimento areno-argiloso, saibroso, com húmus, de compactação média, tonalidade marrom escuro, grande umidade, que fora atingida pelo crescimento de árvores e por instrumentos agrícolas tradicionais. Ela cobria toda a extensão do corte e no final se diluía no terreno natural, plano, além do aterro. Abaixo dela havia uma camada bastante espessa de saibro marrom mais claro porque sem húmus, saibro que era fino e solto, e fora retirado do fundo, na escavação da casa; ela acompanhava a curvatura do aterro, subindo

e descendo; já quase no final do declive ela se transformava num extrato de saibro mais grosso, mais solto, claramente distinto. A camada de saibro fino, que começa perto da depressão, termina um pouco antes de o aterro alcançar a superfície natural do terreno. Por baixo da camada de saibro existe uma outra, de sedimento escuro, medianamente compacto, que provém da primeira remoção de terra na escavação da casa; a camada inicia junto à borda da depressão, tem uma forma semelhante à das camadas sobrepostas, mas termina antes que a camada de saibro. Por baixo desta camada mais escura está a superfície original do terreno, compacto, marrom, sobre a qual aparece uma camada de ocupação com uma estrutura de combustão de quase 2 m de diâmetro, constituída por dezenas de seixos selecionados, do tamanho de um punho. Dentro e ao redor dela havia bastante carvão granulado, que foi datado em 2.640 +/- 40 anos AP (cal. 1 sigma AP 2.750; cal. 2 sigmas 2.770 a 2.740 ou 820 a 790 a.C. (Beta-275577). Em direção à depressão-casa se viam 5 círculos próximos, com diâmetros entre 10 e 20 cm, cheios de saibro, que parecem marcas de esteio; a cor mais clara do saibro lhes dava grande destaque no solo mais escuro do piso.



**Figura 28:** Perfil da trincheira 1, parede oeste, em frente à depressão-casa 5.

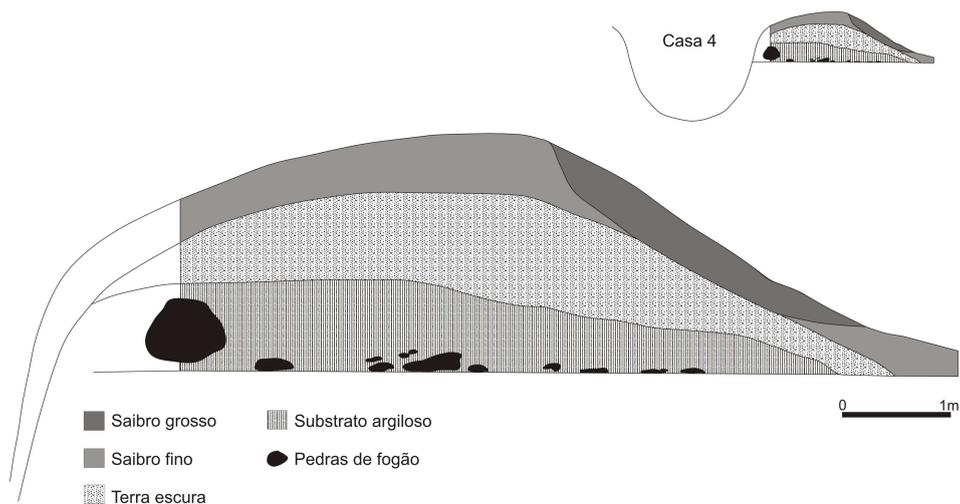


**Figura 29:** Estrutura de fogão na base da trincheira 1, debaixo do aterro da depressão-casa 5.



**Figura 30:** Fogão na base da trincheira 2, debaixo do aterro da depressão-casa 4.

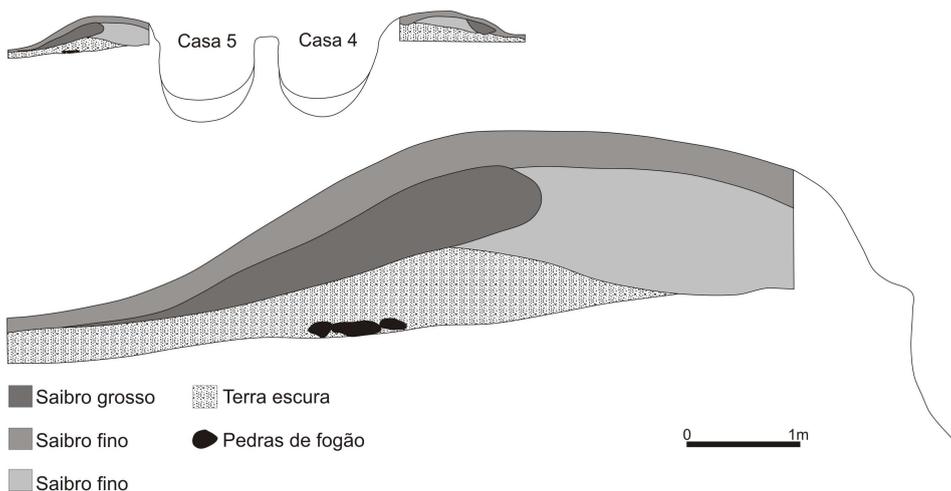
A trincheira 2 foi escavada na mesma posição sul-norte, em frente à casa 4 (figuras 30 e 31), começando a menos de um metro de sua borda. O comportamento da trincheira foi o mesmo e por baixo das camadas do aterro, apareceu novamente um lugar de fogo, desta vez composto por uma pedra maior e outras menores, junto com bastante carvão.



**Figura 31:** Perfil da trincheira 2, parede oeste, em frente à depressão-casa 4.

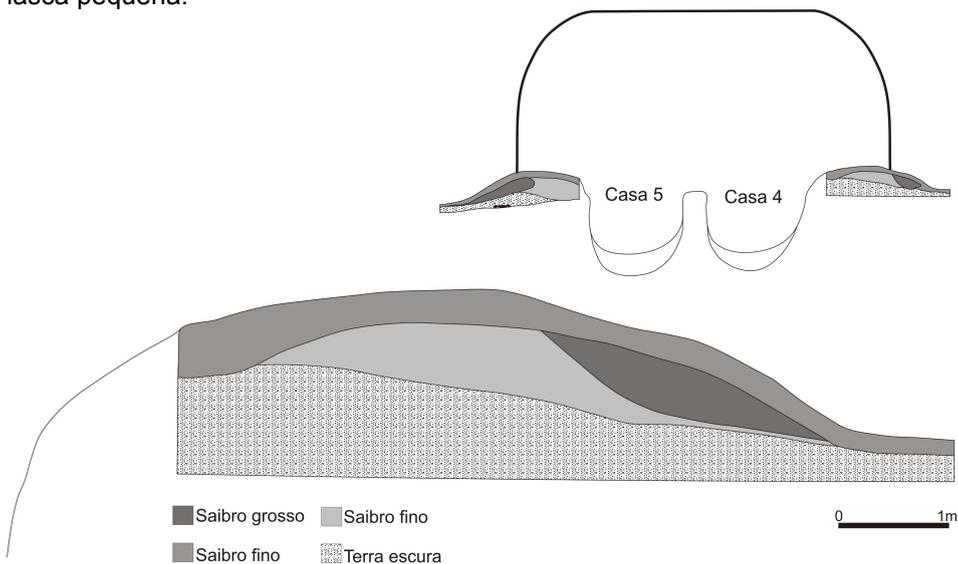
A trincheira 3 foi escavada junto à depressão-casa 5, na direção leste-oeste, desde um metro da borda da casa até bastante dentro do terreno plano vizinho (figura 32). As camadas do aterro se sucederam da mesma forma como nas trincheiras anteriores. Se nas outras trincheiras o terreno inicial era plano, nesta havia dois pequenos declives sucessivos, aproximadamente na metade da trincheira, junto aos quais tinha havido lugares de fogo, com carvão; no primeiro ainda um núcleo de uns 18 cm de medida maior, um talhador cordiforme lascado em ambas as faces medindo uns 10 cm, mais dois ou três seixos naturais.

Na proximidade da borda da casa, nos primeiros dez centímetros de profundidade, foram encontrados um pequeno núcleo de basalto e alguns fragmentos de cerâmica, testemunhos de atividades domésticas.



**Figura 32:** Perfil da trincheira 3, parede sul, junto à depressão-casa 5.

A trincheira 4 foi escavada no lado oeste da casa 4, em direção leste-oeste, começando a menos de um metro da borda da mesma (figura 33). O aterro é um pouco mais baixo que o das outras, apresenta as mesmas características, mas o saibro começa um pouco mais distante da borda, como já aconteceu na trincheira 2. Por causa da chuva intensa do dia, a trincheira foi menos bem acabada e, talvez por isso, não apareceu o lugar de fogo por baixo do aterro. No nível 2 foram encontrados 1 fragmento de lascamento médio e 1 lasca pequena.



**Figura 33:** Perfil da trincheira 4, parede sul, junto à depressão-casa 4.

Com as 4 trincheiras ficou bem claro que as duas depressões, e o aterro que as cerca, são elementos de uma mesma construção simultânea, planejada em detalhes. O aterro, que amplia a superfície das duas depressões, é igual nos três lados, em composição, altura, largura e conformação; o quarto lado é constituído pelo aclave natural do terreno e talvez ainda tenha recebido algum aterro para melhor nivelamento.

O declive externo do aterro, a partir do ponto mais alto do mesmo até a superfície natural do terreno, foi coberto por uma camada de saibro grosseiro, com blocos de basalto em decomposição, que o defenderiam contra a erosão causada pelas chuvas na parte externa da casa. A parte interna do mesmo aterro estaria defendida pelo telhado, que cobria ambas as depressões e o aterro até o seu ponto mais alto. Na ausência do telhado, no período de abandono da casa, esta parte do aterro foi lavada pelas chuvas, tornando-se inclinada e formou a camada de saibro, que separa as duas ocupações da casa.

A primeira ocupação, datada de 640 anos AP é testemunhada, em ambas as depressões, por uma camada relativamente espessa de sedimentos escuros com estruturas de fogueira; na casa 4 sem cerâmica, na casa 5 com cerâmica e numerosos restos de pinhão. Depois do abandono da casa, testemunhado pela camada de saibro rolado do aterro, há uma segunda ocupação, datada de 470 anos AP, testemunhada na depressão-casa 4 por uma camada escura, com estruturas de fogueira, carvão e cerâmica; na depressão-casa 5 por material lítico e cerâmico disperso sobre e dentro da camada de saibro; na superfície externa junto à depressão-casa 4 (corte 7) por um núcleo; na superfície externa junto à depressão-casa 5 (trincheira 3), por um núcleo e fragmentos cerâmicos.

Apesar do cuidadoso planejamento da estrutura e do grande dispêndio de energia na sua construção, os restos deixados são poucos, como nas demais casas. Talvez se pudesse atribuir esta falta a limpeza periódica do interior e da plataforma sobre o aterro, mas em nenhum lugar se encontrou algum indício de lixeira externa. Devido a esta situação será necessário pensar melhor a ocupação da estrutura, que é uma habitação com dois compartimentos e espaços de permanência e circulação sobre o aterro. No 'danceiro' os restos são diferentes e mais numerosos, indicando para ele uma outra função.

Algumas estruturas de fogueira dentro da casa têm certa consistência, sendo constituídas por blocos maiores, outras são formadas por uns poucos fragmentos.

A pouca cerâmica que aparece na casa é constituída por fragmentos isolados de vasilhas pequenas e médias da tradição Itararé.

O material lítico é composto por uns poucos objetos grandes em basalto, representados por núcleos, lascas, talhadores e por pequenos cristais lascados de quartzo. As lascas de basalto podem ter sido produzidas no interior da depressão a partir de núcleos grandes com poucas cicatrizes. As grandes lascas não costumam apresentar trabalho posterior, que modificasse a

forma ou adaptasse o gume. Os cristais lascados são muito poucos dentro das casas.

A presença de numerosos pinhões carbonizados no nível mais profundo sugere uma ocupação no outono, quando as sementes de araucária são mais abundantes.

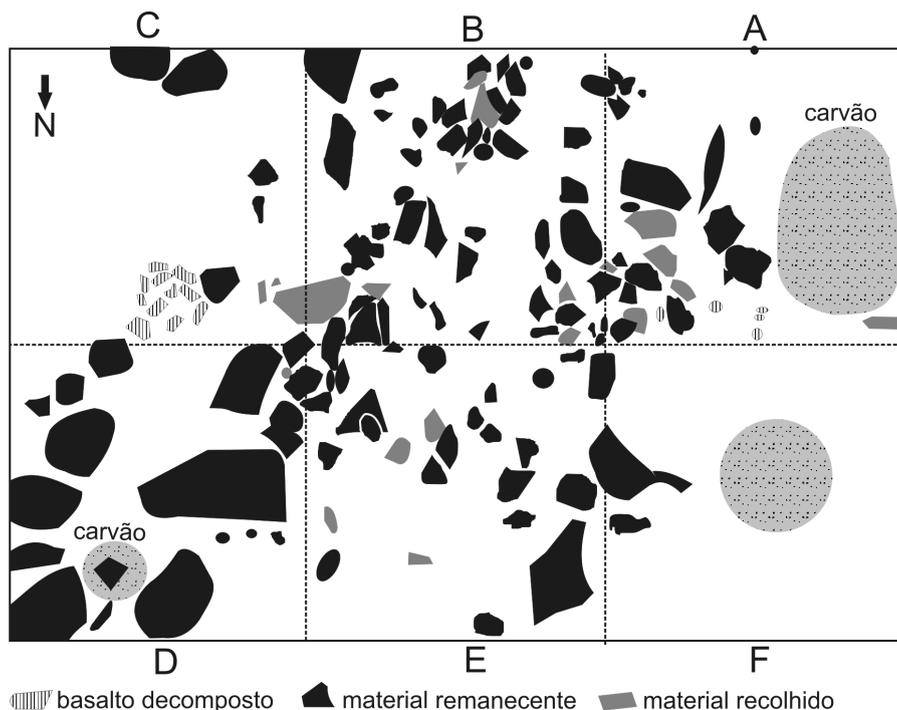
O que indicam todos estes elementos?

A casa foi construída exatamente em cima de uma ocupação muito anterior, datada de 2.640 anos AP, cujos lugares de fogo aparecem em três das quatro trincheiras. Esta era uma ocupação a céu aberto com relativa permanência como indica o grande fogão da trincheira 1 e a distribuição de outros lugares de fogo pelo espaço. É possível que as estruturas de pedra, escavadas no corte 1 e no corte 6 sejam estruturas complementares deste assentamento antigo. Questionamos por que razão ocupariam exatamente o mesmo lugar, mas para isto não encontramos resposta.

O terreno, no local em que foram criadas as depressões-casas 4 e 5, deveria oferecer pequeno degrau produzido pela proximidade subsuperficial da rocha basáltica, que vai aparecer na parede sul das mesmas. Os primeiros moradores acampariam junto a este degrau, como demonstram os lugares de fogo das trincheiras 1, 2 e 3. Quase dois milênios depois, chegou outra gente que, exatamente no mesmo local, escavou duas depressões ligadas e usou o aterro para construir ao redor delas uma plataforma sobre cuja borda externa levantaria, com troncos e palha, a parede de uma grande casa retangular, com aproximadamente 20 m de comprimento e 15 m de largura. Para evitar a erosão do aterro na parte externa, não protegida pelo telhado, reforçou-o com uma cobertura de saibro grosso e pequenos blocos de basalto. Era um trabalho de engenheiros experimentados. A casa foi ocupada uma primeira vez 640 anos atrás, depois foi abandonada, e ocupada uma segunda vez 470 anos atrás, para ser novamente abandonada, agora em definitivo.

Ao redor das casas 4 e 5 foram abertos 7 cortes estratigráficos, de vários tamanhos até o subsolo original.

Na proximidade das casas 5 e 6 foi aberto o corte 1, inicialmente de 1 x 1 m, depois ampliado para 2 x 3 m. Nele foi descoberta uma estrutura, composta por alguns blocos arredondados grandes, muitos fragmentos naturais e outros modificados pelo homem, juntamente com lascas, que apresenta limites bem definidos. O lugar se insinua como um espaço de atividades múltiplas na periferia das casas (figura 34). Não foi encontrada cerâmica. O carvão assinalado nas quadrículas A, F e D é recente e provém do desmatamento e da queima dos restos de madeira por ocasião de atividades agrícolas. Os materiais estavam depositados diretamente na superfície original do terreno, sem nenhum aprofundamento, envoltos em tênue camada de sedimentos de modo que os blocos maiores apontavam na superfície. O corte 6, de que falaremos mais adiante, apresenta as mesmas características, apenas com predominância de blocos maiores.



**Figura 34:** Disposição do material no corte 1 do SC-CL-43.

Os materiais que aparentavam modificações antrópicas foram anotados em planilha, recolhidos e examinados. Devido à decomposição superficial do material e à pouca definição das formas é difícil dizer que artefatos são e qual a sua função na estrutura. São os seguintes: 1 lasca secundária média, 1 lasca semi-cortical grande, 1 lasca cortical grande, 3 lascas muito grandes, 1 fragmento de lascamento grande, 1 núcleo médio, 1 talhador grande, 2 talhadores muito grandes, 3 blocos grandes, 19 blocos com forma de talhador muito grandes, 26 blocos cúbicos muito grandes.

Na borda do alto e largo aterro da casa 7 foi aberto o corte 2, de 1 x 1 m, que, na profundidade de 50 cm, depois de ultrapassar o aterro da casa, alcançou a camada de saibro, típico da superfície original do terreno. Sem material.

No corte 3, de 1 x 1 m, a sudoeste da casa 4, nos dois primeiros níveis apareceram diversos nós de pinho calcinados, originários da queimada; mais abaixo só uns seixos meteorizados de basalto, já dentro da camada original do terreno.

No corte 4, de 1 x 1 m, a noroeste da casa 4, também apareceram apenas seixos meteorizados de basalto, dentro da camada original do terreno.

O corte 5, a sudoeste da casa 4, com 1 x 1 m, aprofundado até 1 m, não produziu carvão nem material arqueológico definido. No nível 4 foram

recolhidos cristais, um deles lascado; no nível 6 também cristais, um deles lascado.

O  corte 6  está perto do corte 1 (figura 35). Primeiro foi aberto um quadrado de 1 x 1 m, aparecendo sobre o terreno original uma composição de pedras de diversos tamanhos e um conjunto de nós de um pinheiro que apodreceu ali. Depois foram abertos, ao sul e oeste, mais 3 m<sup>2</sup>, formando o conjunto final aproximadamente 4 m<sup>2</sup>, com numerosas pedras limpas, duras e soltas, ali colocadas junto com algumas meteorizadas, ainda presas no substrato. No corte foi recolhido um talhador mais que grande, 1 núcleo grande, 2 lascas muito grandes, 4 lascas grandes, 2 fragmentos médios, 2 pequenos quebrados pelo fogo, que lembram o material do corte 1. Não houve uma coleta mais cuidadosa por não estar bem definido o significado do conjunto. Provavelmente é mais um lugar de atividades entre a casa 4/5 e o promontório, a partir do qual se domina visualmente o vale. Provavelmente os materiais desenterrados no corte 1 e no corte 6 são partes de um conjunto maior não escavado



**Figura 35:** Disposição do material lítico e nós-de-pinheiro no corte 6, do SC-CL-43.

O  corte 7 , feito sobre o aterro, ao norte da depressão 4, tinha a dimensão de 1 x 2 m. Foi aprofundado até 10 cm, dentro do saibro que forma a camada superior do aterro, aparecendo um fragmento de lascamento e alguns cristais.

Ao fazer os comentários sobre o 'danceiro' já comparamos o fogão com os dos sítios de Iriarte *et al* e de De Masi; a forma retangular da casa com o aterro retangular no 'danceiro' do último autor; e a data de nossa estrutura de fogão com uma aldeia antiga do mesmo.

No RS-A-27, em Vacaria (Schmitz *et al*, 2002) e no RS-A-3, em Bom Jesus (Copé, 2006) também aparecem lugares de fogo por baixo do aterro da construção da casa, mas as datas desses fogões coincidem com as do interior da casa, sugerindo que são dos acampamentos dos construtores, não de uma ocupação muito anterior.

Fogões circulares compostos com seixos escolhidos são encontrados mais frequentemente em sítios com pontas de projétil da tradição Umbu: em Taió em sítio a céu aberto datado de 4.000 anos AP, mas também junto a casas subterrâneas datadas de 1.200 a 1.300 anos AP (Schmitz *et al*, 2009), na encosta do planalto de Santa Catarina em sítios datados de 900 anos AP (Farias, com. pes. 2009), no planalto do Paraná em sítios datados de 4.000 anos AP (Parellada, 2005).

Nos arredores das depressões-casas 4 e 5 temos, em direção sudeste, a pequena distância, a casa 6, de que se fala primeiro. Em direção sul está a casa 7 da qual se falará em seguida.

### **A casa 6, SC-CL-43**

A casa 6, com 4,30 x 4,40 m de boca e 0,75 m de profundidade, foi escavada na borda da depressão formada entre o aterro das depressões-casas 4/5 e o pequeno promontório rochoso do qual se domina o patamar inferior com a cidade de São José do Cerrito (figuras 36, 37 e 38). Ela aproveitou o maior declive natural do terreno junto à casa 4/5 para logo ter uma parede bastante alta, mas rapidamente encontrou a rocha, que é a responsável pelo declive procurado.

Na casa 6, após a medição, foram abertos dois quadrantes, o do leste (B) e do oeste (A), na metade norte da casa, deixando no meio uma berma de 20 cm. Depois foi aberta uma trincheira de 50 cm ao longo da berma, no espaço do quadrante A, denominada trincheira 1 e uma trincheira da mesma largura passando pelo lado sul dos dois quadrantes, denominada trincheira 2.

As trincheiras foram abertas até o piso rochoso, com exceção da proximidade da borda da casa, onde se procurou seguir a argila vermelha, resistente, que pode ser a parede. No aprofundamento do quadrante B foi aparecendo rapidamente um afloramento rochoso diaclasado como na depressão-casa 5, que deixava esta parte da casa bastante rasa e irregular. No quadrante B havia dois pequenos blocos de basalto colocados para fechar o centro aproximadamente do mesmo jeito que o fazia o grande bloco do quadrante A.

No perfil da berma aparecem as seguintes camadas:

Camada 1: humosa, compacta, escura, 3/2 (*dark reddish yellow*); recente.

Camada 2: areno-argilosa, compacta, marrom claro, 5/3 na mesma escala; entulho após o abandono da casa; a camada 2A, argilosa, marrom avermelhada, oriunda de basalto decomposto, 5/6 (*yellowish red*); é parte da parede.

Camada 3: argilosa, mais solta, preta, com carvão, material lítico e cerâmica, terminando em basalto decomposto e saibro, 5/4 (*reddish brown*).

Camada 4: Basalto em decomposição e basalto compacto ou em blocos, marrom amarelado, 5/8 (*yellowish red*).

Como na escavação da casa os construtores encontraram logo o bloco de basalto, sem condições de removê-lo, ajeitaram uma pequena superfície aplanada no centro, onde desenvolveram algumas atividades e deixaram um fragmento de cerâmica, algum lítico e carvão. O piso foi mantido irregular. A terra removida foi depositada no lado leste, onde formou aterro hoje quase imperceptível.

Na casa 6 não se percebeu nenhuma estrutura de combustão, apenas carvão espalhado em sedimentos escuros. Os materiais são os seguintes:

No setor B, 20-25 cm: 1 fragmento cerâmico, 2 fragmentos de lascamento médios, 1 núcleo grande, 1 seixo natural quebrado ao meio.

No setor A, 20-25 cm: 1 lasca de calcedônia pequena, 2 cristais lascados pequenos; 30-35 cm: 1 lasca secundária muito grande, 1 núcleo cubóide muito grande, 1 seixo muito grande, 1 fragmento natural pequeno; 40-45 cm: 1 núcleo de quartzo, 1 núcleo irregular grande.

Por não haver certeza sobre os materiais dentro da casa, não se fez nenhuma datação.

A ocupação não seria de muitas pessoas, provavelmente uma família, nem por muito tempo, provavelmente uma temporada. Seria uma peça de um conjunto maior.

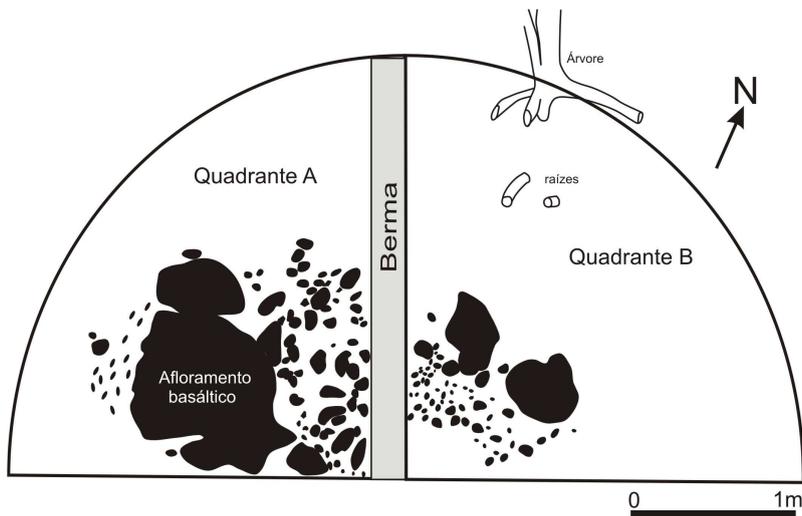
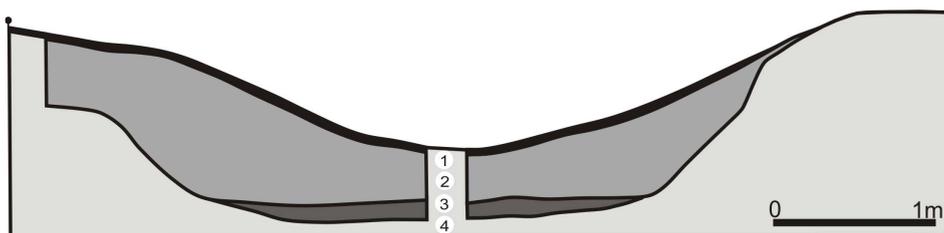


Figura 36: Afloramentos rochosos na base da escavação da casa 6, SC-CL-43.



Figura 37: A escavação da casa 6, do SC-CL-43.



- 1 - Sedimentos húmicos escuros, recentes
- 2 - Sedimentos marrom escuros, entulhamento após o abandono
- 3 - Sedimentos pretos com bastante carvão e cerâmica, terminando em camada de basalto decomposto e saibro
- 4 - Basalto em decomposição, formando saliência irregular no quadrante 2

Figura 38: Perfil das camadas da casa 6, SC-CL-43.

### A casa 7, SC-CL-43

A casa foi implantada em terreno quase plano, com suave inclinação em direção nordeste. Em direção sul e sudeste o terreno continua praticamente plano. Os sedimentos removidos na escavação criaram aterro nivelador ao longo da borda mais baixa (norte, nordeste, leste), ampliando a superfície a ser

ocupada; nele não foi realizada nenhuma intervenção. A casa dista aproximadamente 20 m das estruturas 4, 5 e 6 implantadas junto ao desnível do terreno com inclinação para nordeste e leste.

Nesta casa foram feitos dois cortes emendados, o primeiro de 1 x 1,40 m, o segundo 1 x 1,30 m, que se estendem do que seria o centro até a borda oeste da depressão, removendo as camadas de 10 em 10 cm até o piso e destacando a parede. Estendendo a linha dos cortes até a borda oposta da depressão, obtivemos mais 2,90 m. O diâmetro da depressão, entre a borda leste e a oeste, é, então, de 5,60 m (figuras 39 e 40).

A escavação mostrou que a estrutura da casa tem a forma de um chapéu invertido. Foi escavada em terreno resultante da decomposição do basalto, que na superfície formava uma camada de solo escurecido, de granulometria fina, compactação média, seguida de uma camada de saibro, granuloso, marrom escuro, que representa a transição para o basalto original, alterado, marrom avermelhado, compacto, no interior do qual ainda sobram pequenos blocos mais conservados. Aqui a escavação da casa não encontrou a rocha maciça que aflorou na escavação das casas 4, 5 e 6.

O corte 1 removeu o sedimento depositado sobre o piso, o qual foi escavado em sedimento compacto, marrom avermelhado, como foi indicado acima. Sobre este piso se depositaram, no correr do tempo, 130 cm de sedimentos areno-argilosos em camadas quase horizontais. Algumas camadas (níveis 4, 5 e 6, parcialmente 12 e 13) são mais cinzentas por causa de restos de fogueiras contendo pequenos grânulos de carvão e artefatos líticos. Os níveis 7 a 11 têm cor mais marrom, com alguns fragmentos de basalto meteorizado no lado sul (provavelmente já pertencentes à parede da casa); nos níveis 7 e 9 aparecem objetos líticos isolados e, em todos, pequenos grânulos de carvão.

No canto nordeste do corte, nos níveis 12 e 13, correspondendo ao que seria o centro da casa, e ao longo do perfil leste, o piso apresenta uma seqüência de pequenas depressões contendo alguns seixos maiores e maior quantidade de carvão, indicando lugares de fogo.

A sucessão das camadas destaca dois momentos de ocupação: um, logo após a construção da casa, níveis 13 e 12; outro nos níveis 9 a 4. Os níveis superiores representam o entulho recente.

O carvão nunca é abundante nas camadas, mas aparece em todos os níveis, desde 40 cm de profundidade. Os pequenos grãos não permitiram identificar madeiras, sementes ou caroços de frutas.

Tampouco são abundantes os artefatos. Os restos líticos são lascas e fragmentos de lascamento, separados de seu lugar de produção, mas ligados a contextos de combustão.

Não apareceu cerâmica, o que não quer dizer que os moradores não a possuíssem. Nessas estruturas ela costuma ser muito pouca.

No corte 2 (de 1 x 1,3 m) aparece a camada humosa superficial, seguida de uma camada de saibro desagregado e uma argilosa vermelha proveniente da decomposição da rocha. A parede da casa desce em diagonal da borda em direção ao centro, caindo rapidamente no fim do corte para formar

o piso, que mediria aproximadamente 3 m de diâmetro. No corte não apareceu nenhum material arqueológico.

Os níveis artificiais da escavação do corte 1 são:

Nível 0-10 cm: Solo argiloso, de coloração marrom escura, com densa camada de gramíneas e algumas raízes de árvores.

Nível de 11-20 cm: Solo com média compactação, desprendendo-se em leivas. Presença de carvão recente. Poucos fragmentos de basalto meteorizado.

Nível de 21-30 cm: Igual ao nível 1. Menor presença de raízes. Maior frequência de fragmentos de basalto meteorizado.

Nível de 31-40 cm: Início de uma lente de solo marrom acinzentado, com presença de carvão.

Nível de 41-50 cm: Igual ao nível 4. 1 pequena lasca. Pouco carvão.

Nível de 51-60 cm: Igual ao nível 4. 1 lasca média semi-cortical, 2 seixos com possíveis marcas de retalhamento, 4 pedras grandes intemperizadas. Pouco carvão.

Nível de 61-70 cm: Igual ao nível 4. Pouco carvão. Base da lente de coloração marrom acinzentado. Maior presença de fragmentos de basalto meteorizado na parede sul. Três artefatos próximos, na parte central do corte. Aumento da frequência de carvão junto à parede norte. 2 fragmentos de lascamento grandes, 2 médios.

Nível de 71-80 cm: Aumento da quantidade de seixos e fragmentos de basalto decomposto no lado sul. Maior quantidade de carvão na parede leste, próximo do centro da casa. Grande lasca e fragmento, próximo ao local onde foram encontrados os materiais no nível anterior. 1 lasca muito grande, 1 fragmento. Pouco carvão.

Nível de 81-90 cm: Sedimento compactado marrom com presença de basalto em decomposição. Fim da camada da parede. 1 lasca muito grande, 1 fragmento de lascamento. Pouco carvão.

Nível de 91-100 cm: Presença de um pequeno aglomerado de seixos junto à parede norte. 2 lascas. Pouco carvão.

Nível de 101-110 cm: Presença de alguns fragmentos de basalto em decomposição. Pouco carvão.

Nível de 111-120 cm: Piso da casa subterrânea. No piso há uma depressão de aproximadamente 5 cm de profundidade contendo pedras e carvão. 1 lasca grande.

Carvão dos dois últimos níveis produziu uma data AMS de 370 +/- 40 anos AP, cal. 2 sigma 510 a 310 anos AP, ou AD 1440 a 1640 (Beta-285996).

Um detalhe na casa 7 nos ajudou a compreender o grande entulho que existe dentro das casas. Nela observamos o buraco de um tatu, no qual, em 2009, encontramos refugiada uma jararaca. O tatu havia extraído da parede um volume de sedimentos variados, que agora ocupava aproximadamente 1 m<sup>2</sup> de área por uns 20 cm de espessura. Numerosos outros buracos, com suas respectivas remoções, foram observados nesta e em outras casas. Estes buracos fundos, que trazem sedimentos variados das paredes, e são formados em diversos momentos de abandono das estruturas, podem ajudar a entender

parte do entulhamento delas. A lavação das paredes e aterro nivelador pela chuva, o acúmulo de restos vegetais provenientes da queda de galhos e folhas, o crescimento de grandes árvores junto às paredes e dentro das depressões também respondem parcialmente pela formação de camadas sem material humano. Parte dos sedimentos que formam as camadas ditas antrópicas também não parece provir de dejetos humanos, mas desses fatores.



Figura 39: Vista da parede sul dos cortes 1 e 2 da casa 7, SC-CL-43.

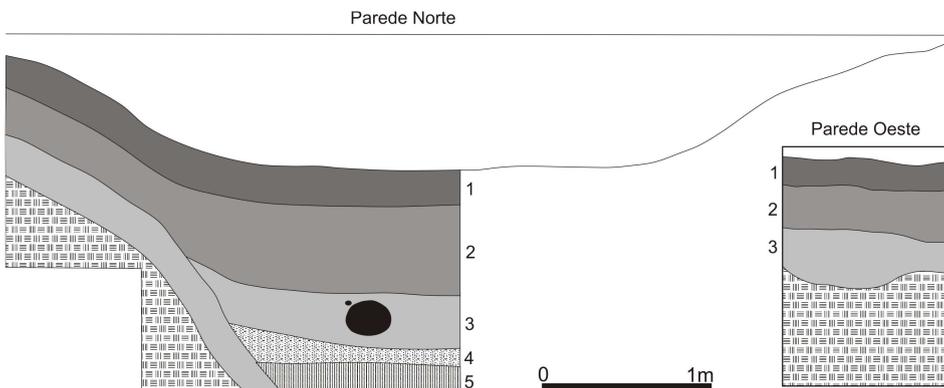


Figura 40: Perfil da parede norte e da parede oeste da escavação da casa 7, SC-CL-43.

**SC-CL-92**

Segundo informação do proprietário, neste sítio, uma colina de suave inclinação para vários lados, teria havido duas casas subterrâneas, que foram completamente niveladas no decorrer do século passado, sendo hoje uma lavoura de milho de aproximadamente um hectare de superfície. Em toda a extensão plantada foi recolhido material lítico e cerâmico, que apresentava duas pequenas concentrações, cuja relação com as antigas casas desconhecemos. O material é o seguinte: 1 lâmina completa e 1 quebrada de machado, 3 fragmentos de mão de pilão (2 mesiais e 1 proximal), 3 talhadores grandes, 1 prisma de basalto muito grande com algum retoque, 1 prisma de basalto pequeno, 1 seixo alongado, 14 lascas e fragmentos de lascamento pequenos, 5 médios, 3 grandes, 13 lascas de calcedônia pequenas, 1 muito grande, 6 núcleos de calcedônia pequenos, muitos cristais de quartzo pequenos, 2 pequenos pedaços de drusas de quartzo. E 97 pequenos fragmentos cerâmicos da tradição Itararé, sendo 5 pretos brunidos, 10 vermelhos, 1 fragmento arredondado com início de furo, 6 fragmentos com 3 mm de espessura, 73 fragmentos entre 5 e 7 mm, 2 fragmentos com mais de 10 mm de espessura.

**SC-CL-93**

Na localidade da Fazenda Nova, junto à entrada da cidade de São José do Cerrito, em propriedade pertencente à família Waltrick, foi verificada a existência de duas casas subterrâneas grandes e profundas, de paredes verticais, posicionadas na alta vertente de uma baixa colina de dorso arredondado. A primeira terá uns 10 m de diâmetro e 2 de profundidade; nela foram jogados alguns blocos rochosos, provenientes da limpeza do terreno, mas de resto está limpa e nela existe um antigo butiazeiro da serra. A segunda, que dista uns 10 m da primeira, declive abaixo, terá uns 5 m de diâmetro e 2 de profundidade; está limpa e nela também existem um velho butiazeiro da serra e algumas árvores. Ambas as casas estão bem conservadas, encontrando-se em meio a uma plantação de milho novo, que na ocasião tinha uns 15 cm de altura. O terreno foi pasto anteriormente. Após a recente morte do proprietário, foi arrendado, sendo então usado para plantio com máquinas modernas. Foi feita coleta superficial não sistemática ao redor das casas, da qual resultaram os seguintes objetos: 1 núcleo piramidal médio, 2 lascas pequenas, 8 lascas e fragmentos médios, 7 lascas e fragmentos grandes, 3 lascas muito grandes; nenhuma cerâmica.

**Os materiais**

A matéria prima usada para a produção do material lítico recolhido em superfície e nas escavações é principalmente o basalto (figuras 41 e 42). Ele forma o substrato geológico da área. Algumas vezes aflora em grandes blocos não alterados, como na proximidade da casa 6 e da casa 3. Sua deterioração forma um solo pedregoso, onde está presente sob a forma de blocos arredondados mais ou menos meteorizados, em tamanhos bem grandes ou como pedregulho ou saibro; quando completamente decomposto apresenta-se como uma compacta formação argilo-arenosa vermelha.

Nas casas aparece frequentemente rolado, sob a forma de plaquetas, pequenos blocos e seixos, de diversos tamanhos, muito meteorizados, que podem tornar-se tão leves e frágeis que parecem 'pedra pomes'. Blocos maiores, menos meteorizados, eram usados para armar pequenos fogões. Os lugares de fogo são pequenos, costumam conter algum carvão e algum fragmento cerâmico. Blocos rachados pelo calor serviram, na casa 3, para consolidar o esteio central. Nas estruturas fora das casas o material costuma estar menos fragilizado.

Frequentemente os seixos menos meteorizados e de maior peso específico eram submetidos a alguma experimentação, abrindo-os ou tirando algumas lascas. Mas, por sua constituição irregular, infiltrações e diáclases, se prestavam mal para confeccionar mesmo instrumentos simples.

Para a produção de artefatos lascados escolhiam, então, um basalto de cor cinza claro, regularmente cristalizado, sem falhas, de córtex fino e resistente, com o qual produziam grandes lascas secundárias e talhadores que teriam servido para cavar a terra mais que para cortar ou raspar. Peças singulares deste tipo apareceram nas diversas estruturas. Mesmo este material, se deixado algum tempo na água, começa a se decompor, sendo às vezes difícil separar uma superfície regular natural ou térmica de uma proveniente de intervenção humana.

Para a produção de artefatos polidos (lâminas de machado e mãos de pilão) escolhiam um basalto mais escuro, de granulação fina, que possibilitava um polimento sem falhas. Como pequenas mãos podiam usar igualmente colunas de basalto com faces naturalmente lisas. Colunas recém desprendidas, com arestas intactas, podiam ser usadas sem modificação, ou com as arestas reforçadas por pequenos golpes, para cortar ou raspar.

Dentro dos derrames basálticos costumam aparecer geodos preenchidos com calcedônia e cristais de quartzo. Quando os cristais são maiores podem ser lascados para a produção de pequenas 'giletas' muito cortantes. Nas casas estas lascas pouco aparecem, mas elas são abundantes no 'danceiro', onde drusas quebradas e pequenos cristais de quartzo foram muito recolhidos.

No local não existe afloramento de arenito, o que se reflete no material recuperado: só existe um pequeno fragmento com uma face alisada.

Nas escavações dentro das casas, como nas escavações e coletas fora das mesmas, além dos raros objetos polidos antes mencionados, temos certo número de lascas, fragmentos, núcleos e instrumentos talhados. Os procedimentos de produção destas peças estão relacionados com a qualidade e morfologia da matéria prima.

A partir de pequenos seixos alongados produziam lascas longas, que deixavam núcleos piramidais ou cônicos; a partir de nódulos e blocos com maior quantidade de massa produziam lascas largas, que deixavam núcleos cúbicos ou poliédricos.

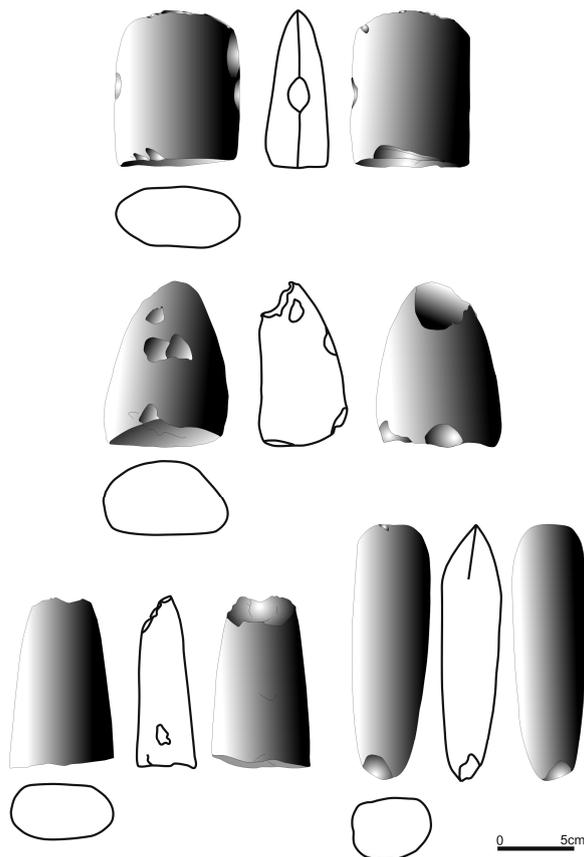
As lascas costumam ser tiradas a partir de uma superfície lisa, resultante de retirada anterior, eventualmente de superfície cortical. Quando a matéria prima não é de boa qualidade, especialmente em seixos pequenos, a

face externa da lasca vai apresentar um ou dois estigmas, ou um resto de córtex, acompanhando o eixo de força. Quando a matéria prima é de qualidade melhor, a face externa pode ser mais facetada, com estigmas em diversas direções. A face interna, quando a matéria prima não é de boa qualidade costuma ser aplanada, com o bulbo diluído, raios pouco aparentes e sem cornija. Quando a matéria prima é de boa qualidade a face interna pode ser curva, o bulbo e os raios mais salientes, eventualmente aparecer uma cornija.

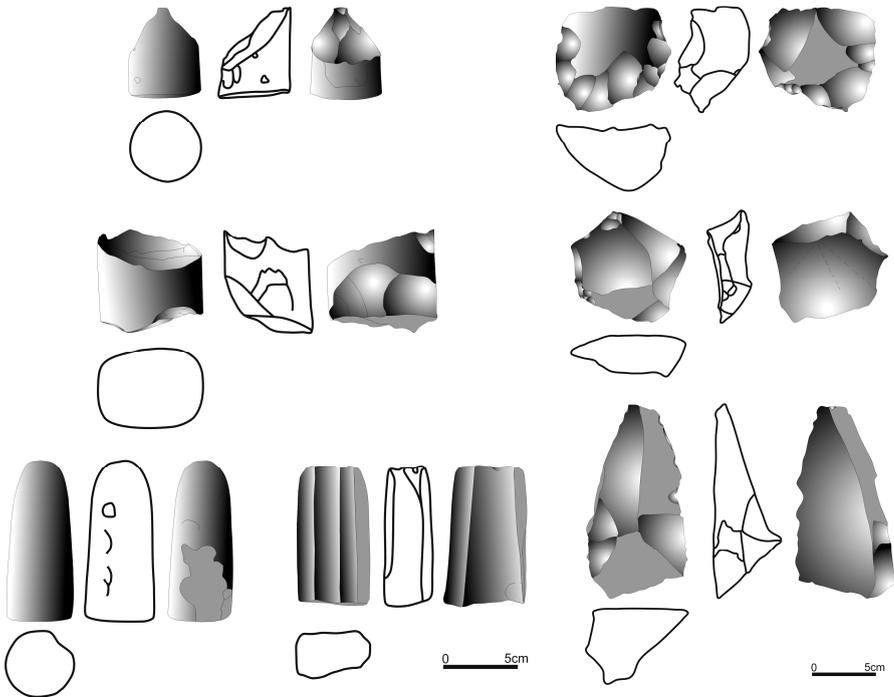
Raramente se tem uma longa lasca triangular com bordo cortante, ou uma lasca larga com o gume transversal natural ou reforçado, simulando um raspador, ou enxó.

Os golpes para produzir lascas frequentemente eram fortes, desprendendo duas lascas paralelas, deixando no meio dos estigmas uma aresta saliente; ou produzindo uma lasca com alta aresta longitudinal substituindo o bulbo, como acontece no retalhamento bipolar.

Com o pouco material recuperado não se pode avançar mais nesta caracterização.



**Figura 41:** Lâminas de machado.



**Figura 42:** Mãos de pilão, bloco com sulcos e material lascado.

A cerâmica é pouca, só existindo certa densidade no ‘dancheiro’ embora muito fragmentada. Na coleta superficial do sítio SC-CL-92 foi possível reunir amostra maior de fragmentos, também muito pequenos, contendo só uma borda e um fragmento arredondado, com início de perfuração. Nas casas 4, 5 e 6 há fragmentos maiores, porém pouco numerosos. Esta cerâmica, mesmo sendo pouca, mostra claramente as características da tradição Itararé, na pasta, no acabamento das superfícies, na forma e no tamanho das vasilhas.

Antiplástico: areia, de fina a grossa, proveniente da decomposição do basalto, contendo ora mais quartzo, ora mais calcedônia em pequenos fragmentos brancos, dependendo do local da coleta do material. A pasta, com todos os seus ingredientes, não provém da decomposição local do basalto, mas de pontos em que os materiais resultantes dessa decomposição foram acumulados seletivamente, como em banhados e junto a nascentes. Em alguns fragmentos a pasta é muito fina e o antiplástico é quase invisível a olho desarmado. Em geral ele é denso, até muito denso, com distribuição regular.

As superfícies costumam ser bem alisadas. Em dois fragmentos, encontrados na casa 4, provavelmente oriundos do mesmo recipiente, o alisamento externo e interno foi realizado em faixas regulares de 5 a 7 mm de largura, cobrindo a superfície inteira com estrias muito salientes, dispostas

horizontalmente. Este acabamento só pode ser intencional por ser mais bem acabado na face interna, onde era mais difícil de realizar.

Há fragmentos bem escuros e outros avermelhados, interna e externamente, e até no núcleo, sugerindo a utilização de dois tipos de queima: a oxidante e a redutora; mas fragmentos com o núcleo mais escuro que a superfície externa indicam também que a queima não foi sempre realizada com temperaturas muito altas. As vasilhas produzidas, apesar de terem geralmente paredes finas, eram bem resistentes, quebrando em fragmentos grandes quando dentro das casas, onde não foram muito pisoteadas.

Em alguns fragmentos percebem-se restos de brunidos escuros, outros apresentam pintura vermelha, interna e/ou externamente. Às vezes o pigmento vermelho forma uma camada mais espessa, como um engobo.

As poucas bordas sugerem formas verticais com inflexões entre o bojo e a boca, típicas da tradição Itararé do planalto e litoral de Santa Catarina e do Paraná. A abertura da boca varia de 6 a 14 cm; a espessura das paredes de 3,5 mm a 7,0 mm. Mas há um fragmento com 12 mm de espessura, indicando a existência de vasilhas maiores. As bases, convexas, poderiam ter espessura maior que as paredes ascendentes.

Fragmentos abandonados junto às estruturas em que foram usadas, dentro das casas, mostram crostas aderentes interna e externamente, produzidas na preparação de alimentos sobre o fogo.

No 'danceiro' a cerâmica era relativamente abundante: os 11 m<sup>2</sup> escavados produziram 90 pequenos fragmentos. Maria José Reis, por ocasião de sua pesquisa na área reuniu 352 fragmentos na lavoura de milho em que estavam dois grandes aterros (SC-CL-46). Numa lavoura de milho do vizinho SC-CL-49, ela reuniu outros 319 fragmentos. Isto sugere que a cerâmica seria abundante no espaço dos 'danceiros'. Uma coleta superficial em lavoura de milho junto a duas casas subterrâneas destruídas, sítio SC-CL-92, proporcionou 97 fragmentos, mostrando que a cerâmica seria mais abundante fora do que dentro das casas.

Nas casas 1, 3 e 7 não foi encontrada nenhuma; na casa 6, um fragmento; nas depressões-casas 4/5, perto de 40 fragmentos. Na escavação de 8 m<sup>2</sup> que Reis fez na casa SC-CL-52 recuperou 27 fragmentos, em sua maior parte do segundo momento de ocupação.

Provavelmente a cerâmica chegou com os primeiros povoadores das casas subterrâneas locais, que seria ao redor do século XII de nossa era.

### **Considerações**

Na proximidade da sede do município de São José do Cerrito, em área que era de mata com muita Araucária, existe um número considerável de sítios arqueológicos, contendo numerosas casas subterrâneas, aterros grandes e pequenos e um 'danceiro' com três estruturas, que nos ajudam a refletir sobre o povoamento do planalto catarinense. Nenhuma outra ocupação a céu aberto foi registrada.

Estes sítios, anteriormente documentados e estudados por Maria José Reis (2007), a partir de julho de 2007 foram novamente visitados pela equipe

do Instituto Anchieta de Pesquisas (em 2010 em parceria com o GRUPEP da UNISUL), que realizou escavações no 'danceiro' e em 6 casas subterrâneas, além de sondagens e coletas superficiais no entorno delas.

O estabelecimento em superfícies onduladas do planalto, nos interflúvios entre os rios que drenam a região, junto aos banhados de altura que dão origem a pequenos arroios, observado em trabalhos anteriores (Schmitz *et al*, 2002 e 2009), continua repetido na pesquisa atual. Como nos lugares anteriormente estudados, o padrão de agregação é de poucas casas por sítio, formando excepcionalmente conjuntos maiores que de 8 casas. Mas no vale do rio Canoas podem ser encontrados núcleos densos, com muitos sítios próximos, como no local estudado, e ainda estabelecimentos mais densos com até 104 casas, como no espaço agendado para continuação do projeto. Aí também existem 'danceiros'.

Recapitulo de forma sintética os resultados da pesquisa e o que eles acrescentam ao que já sabíamos.

O 'danceiro', no topo de pequena ondulação do terreno, se compõe, atualmente, de 3 montículos formados, cada um, com a terra removida de seu entorno e o fechamento externo do anel rebaixado por uma taipa rasa de terra visível em dois deles. Nos cortes estratigráficos realizados, em dois deles, aparecem as seguintes camadas: na base, sedimento areno-argiloso compacto, marrom avermelhado, substrato estéril, decomposição local do basalto; sobre ele, uma camada mais escura com bastante material lítico e cerâmico, resultante de uma ocupação humana datada de 770 anos AP; por último, um aterro de saibro amarelado, marcadamente descontínuo com relação à camada anterior, no qual ainda se encontra algum material cerâmico e lítico; a parte superior dessa camada de saibro é marrom escuro por conter húmus proveniente de atividades pastoris. No terceiro montículo as camadas não aparecem com a mesma nitidez por causa da localização do corte, muito próximo do anel. Os montículos são formados por acúmulo intencional de saibro em cima de uma camada de ocupação anterior; a presença de material arqueológico dentro do saibro acumulado e em cima dele indica que, depois de formados, os montículos continuavam em uso. Numerosos cristais de quartzo lascado, maior quantidade de cerâmica e carvão os distinguem do conteúdo das casas subterrâneas e indicam que o 'danceiro' tinha uma função específica. Em termos de cronologia, o 'danceiro' é coetâneo com as casas subterrâneas, mas continua em uso por mais tempo que estas, que são sucessivamente construídas, abandonadas e reocupadas. Para saber quais são, especificamente, as funções deste 'danceiro' ainda precisa de mais pesquisa.

As intervenções nas casas subterrâneas e nos seus arredores produziram novo conhecimento sobre sua construção, ocupação e uso. As estruturas e os materiais recuperados indicam que se trata de habitações indígenas.

Todas as casas têm a borda correspondente ao aclave nivelada com a terra proveniente da escavação. Este aterro não apenas iguala a borda mais baixa, mas amplia consideravelmente o espaço a ser coberto pelo telhado e se

tornará espaço de permanência e circulação. A parede que sustenta o telhado estaria implantada na borda externa deste aterro e passaria a uma distância semelhante do outro lado da depressão, onde o terreno se levanta suavemente. Na casa 4/5 a borda externa deste aterro, não coberta pelo telhado, era formada por saibro grosso com fragmentos de rocha, para evitar a erosão pela chuva.

A terra que sobrava do nivelamento da casa era acumulada na proximidade, resultando num montículo de base circular, ou oval. Perto da casa 1 existe um desses montículos, que é relativamente baixo; no sítio SC-CL-52 Reis descreveu um e no SC-CL-46 dois desses aterros que são excepcionalmente grandes.

Existe outro tipo de aterro, considerado montículo funerário, comum em São Marcos, RS (Rogge & Schmitz, 2009) e presente também em Taió, SC (Schmitz *et al*, 2009). Dois desses montículos alongados existem no SC-CL-45, não tendo sido percebidos em outros sítios.

Observando as paredes das casas constatou-se que nas grandes e fundas elas podem ser aproximadamente verticais com alguma redução em direção à base, deixando um piso bastante amplo; nas pequenas a parede que desce em diagonal rapidamente se confunde com o piso que é mais reduzido. Às vezes uma porção da parede é cavada na rocha viva de basalto.

Na casa 1 (SC-CL-56) o piso é constituído por uma laje plana, aparentemente contínua; na casa 6 a metade dele é um afloramento rochoso saliente e irregular, a outra metade é solo compacto, decomposição da rocha; na casa 4 o centro é um bloco de basalto; nas casas 3, 5 e 7 o piso é de solo compacto.

A ocupação das casas não parece ter sido permanente e de longa duração no sentido de populações sedentárias. Mas ela tampouco é passageira, podendo alguma vez deixar camadas densas e espessas como na casa 1. As estruturas de fogo de seu interior não são elaboradas, compondo-se no máximo de pequenas pedras reunidas, sem uma configuração definida. O carvão não costuma ser abundante junto a elas.

Os materiais no interior das casas são fragmentos cerâmicos dispersos, grandes lascas e núcleos simples pouco utilizados.

Camadas alternadas de ocupação e abandono indicam que as casas podiam ser ocupadas mais de uma vez e que entre uma e outra passagem elas se derruíam, permitindo que a erosão dos aterros pela chuva e as fossas cavadas por animais criassem camadas estéreis relativamente espessas e contínuas. Nem sempre se deu nova ocupação acompanhada de alguma reconstrução da estrutura; às vezes parece ter havido passagens rápidas pela casa derruída, com abandono de algum material.

As diversas casas de um mesmo sítio costumam estar bem próximas umas das outras, formando um assentamento, cujos componentes não são necessariamente sincrônicos. Às vezes as casas estão geminadas, com um só aterro nivelador para duas depressões, como acontece nas casas 4 e 5, o que implica também numa só estrutura aérea. Se, como acreditamos, esta superestrutura não cobre só as duas depressões, mas inclui o aterro até sua

borda externa, podemos ter uma casa bem grande (15 x 20 m). As estruturas de combustão estão na parte rebaixada e o espaço de circulação e permanência estaria em cima do aterro, entre a depressão e a parede. O fato de a superfície deste aterro agora apresentar pequena, mas continuada, inclinação de seu limite externo para a borda da depressão é resultado da erosão em períodos de abandono; inicialmente este aterro deveria ter sido horizontal. Casas geminadas, ou muito próximas, com aterro unificado, se repetem em São Marcos (Rogge & Schmitz, 2009).

A casa geminada nos induz a pensar que também nas casas com uma só depressão a parede da superestrutura não se levantava na borda desta depressão, mas no limite externo do aterro. Com isto a superfície da habitação ao menos duplicava.

Como no interior das casas, assim também no seu entorno existem poucos materiais. Os cortes 1 e 6, entre as casas 4/5 e 6 parecem um lugar de atividades externas às casas, mas desconhecemos sua função e uso.

Os artefatos líticos lascados, recolhidos nas escavações e cortes, são poucos e expeditos, representados por lascas e fragmentos grandes com pouco trabalho posterior, além de núcleos com poucas retiradas, sem os resíduos que normalmente resultariam da preparação de peças mais complexas. As lâminas polidas de machados e os cilindros de mãos de pilão já são difíceis de encontrar porque foram recolhidos pelos proprietários dos terrenos e não parecem ter sido numerosos. O material registrado por Reis é igualmente pouco e expedito.

A cerâmica é um pouco mais abundante, mas não muito. Na grande casa do sítio SC-CL-52, em 8 m<sup>2</sup>, Reis encontrou apenas 29 fragmentos. A nossa casa 4 rendeu 16 fragmentos, a casa 5 ao redor de 20, a casa 6, apenas 1. Mas nas casas 1, 3 e 7 não se encontrou nenhum fragmento. Também neste aspecto São José do Cerrito não se diferencia das outras áreas pesquisadas no Planalto Meridional. Por isso chamam atenção as coletas superficiais feitas por Reis nos sítios SC-CL-46 e 49, com dezenas de fragmentos.

A pequena quantidade de material lítico e cerâmico dentro das casas poderia sinalizar que limpavam a habitação, jogando os resíduos numa lixeira externa, que não encontramos; ou que usavam o entorno para as atividades que resultariam em maior volume de lixo, como acontecia em Taió (Schmitz *et al*, 2009); os cortes 1 e 6, entre as casas 4/5 e 6, podem ser uma amostra desta atividade externa. Entretanto, tudo indica que a indústria lítica era mesmo pouco desenvolvida e poderia ser compensada com artefatos de material vegetal e animal, de mais fácil produção e transporte, mas que se decompõe mais rapidamente.

O conjunto de sítios estudados na proximidade de São José do Cerrito foi ocupado em dois tempos bastante separados.

A primeira ocupação conhecida é de 2.640 anos AP, data que se assemelha a uma conseguida por Marco Aurélio Nadal De Masi (2006), também numa aldeia a céu aberto não muito distante de nossa área; em sítio semelhante ele conseguiu uma data ainda mais antiga. Estas datas indicam

que no planalto existia uma ocupação anterior às casas subterrâneas, cuja identidade ainda é preciso caracterizar melhor.

A segunda ocupação começa 830 anos AP com a casa 1, segue com o 'danceiro' em 770, a primeira ocupação das casas 4/5 em 640, a casa 3 em 590, a segunda ocupação da casa 4/5 em 470 anos AP e termina com a casa 7 em 370 anos AP. A reduzida permanência nas casas e a reocupação das mesmas após um período de abandono, perceptível em todas elas, indicam que os sítios não formavam verdadeiras aldeias e que a população circulava na área, construindo novas casas, abandonando-as e reocupando antigas. As datas das casas subterrâneas de São José do Cerrito são grandemente coincidentes com as de outras do mesmo planalto.

O 'danceiro', com uma função especial, poderia ter permanecido como referência mais permanente para grande parte da ocupação.

Quando buscamos os descendentes desses povoadores no período colonial só encontramos referências gerais para o planalto. Nem no século XIX, nem no século XX, Laroque (2000, 2007) faz referência a índios Kaingang na região. Existe a hipótese de que este teria sido um espaço Xokleng (De Masi, 2006); mas atribuir esta etnicidade a um grupo humano antigo sem os correspondentes documentos é sempre arriscado.

### Referências bibliográficas

- BASILE BECKER, I.I. 1976. O índio kaingang no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, 29.
- BASILE BECKER & LAROQUE, L.F. da S. 1999. *O índio kaingang no Paraná: subsídios para uma etno-história*. São Leopoldo, ed. Unisinos.
- BEBER, M.V. 2005. O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do Planalto Sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Iltará. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 10:5-125. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.
- BINFORD, L. 1980. Willow smoke and dogs' tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity* 45(1):4-20.
- CALDARELLI, S. & HERBERTS, A.L. 2002. Estruturas habitacionais escavadas na bacia do rio Chapecó, extremo oeste catarinense. *Pesquisas, Antropologia*, 56:139-156.
- COPÉ, S.M. 2006. *Les grands constructeurs précoloniaux du plateau du Sud du Brésil: étude de paysages archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil*. Paris: Universidade de Paris I – Panthéon – Sorbonne (Tese de doutorado).
- COPÉ, S.M., SALDANHA, J.D. de & CABRAL, M.P. 2002. Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas, Antropologia* 58:121-138.
- CORTELETTI, R. 2008. *Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul*. Porto Alegre, Nova Prova Editora.
- DE MASI, M.A.N. 2006. Arqueologia das terras altas do Sul do Brasil. O baixo vale do Rio Canoas, SC. In: De Masi (org.) Xokleng 2860 a.C. *As terras altas do Sul do Brasil*, p. 47-76.
- DE MASI, M.A.N. 2009. Centros cerimoniais do Planalto Meridional: uma análise intrasítio. *Revista de Arqueologia*, vol 22, n. 1:99-113.
- DIAS, O.F. 1971. Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais. *Publ. Av. M. Pa Emilio Goeldi* 15: 133-148.
- DIAS, J.L.Z. 2005. A tradição Taquara e sua ligação com o índio kaingang. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 10:126-158.
- HERBERTS, A.L. 2006. Arqueologia do Planalto Catarinenses: os vales dos rios Chapecó e Pelotas. In: De Masi (org.) Xokleng 2860 a.C. *As terras altas do Sul do Brasil*, p. 155-165.

- IRIARTE, J., GILLAM, J.C. & MAROZZI, O. 2007. Monumental burials and memorial feasting: an example from the southern Brazilian highlands. *Antiquity* 82(2008):947-961.
- LAROQUE, L.F.da S. 2000. Lideranças kaingang no Brasil Meridional (1808-1889). *Pesquisas, Antropologia* 56.
- LAROQUE, L.F da S. 2007. Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no Sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 64.
- MABILDE, P.A.F. & BOOTH, F.A. 1983. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos matos da província do Rio Grande do Sul: 1836-1866. São Paulo, IBRASA.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. 1999/2000. A tradição Taquara e as casas subterrâneas no sul do Brasil. *Revista de Arqueologia Americana* 17/18/19:9-49.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. & RIBEIRO, C.T. 1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA* 12(14):49-105.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. (coord.) 1994. Escavações arqueológicas no município de Bom Jesus, RS. *Revista de Arqueologia*, São Paulo 8(1):221-236
- MÜLLER, L.M. 2008. *Sobre índios e ossos*. Estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de Mestrado.
- PARELLADA, C.I. 2005. *Estudo arqueológico no alto vale do Rio Ribeira: Área do Gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná*. São Paulo, USP (Tese de doutorado).
- PIAZZA, W.F. 1969. Notícia arqueológica dos 'Campos de Lages'. *Publ. Av. M. Pa. Emílio Goeldi* 13:63-74.
- PROUS, A. 1992. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF, Editora Universidade de Brasília.
- REIS, J.A. 2002. *Arqueologia dos Buracos de Bugre: uma pré-história do Planalto Meridional*. Caxias do Sul. EDUCS.
- REIS, M.J. 2007. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no Planalto Catarinense*. Erechim: Clássicos da Arqueologia.
- ROGGE, J.H. & SCHMITZ, P.I. 2009. Pesquisas arqueológicas em São Marcos, RS. *Pesquisas, Antropologia* 67:23-132.
- ROHR, J.A. 1971. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense. *Pesquisas, Antropologia* 22.
- SALDANHA, J.D. de M. 2008. Paisagem e sepultamentos nas terras altas do Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia* 21(1):85-95.
- SAHLINS, M. 1977. *Economia de la Edad de la Piedra*. Madrid: Akal Editor.
- SCHMITZ, P.I. 1988. As tradições ceramistas do Planalto Sul-brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 2:75-130.
- SCHMITZ, P.I. 1988. As tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 2:75-130.
- SCHMITZ, P.I.; BASILE BECKER, I.I.; LA SALVIA, F.; LAZZAROTTO, D. & MENTZ RIBEIRO, P.A. 1988. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 2:5-74. .
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; ROSA, A.O.; BEBER, M.V.; MAUHS, J. & ARNT, F.V. 2002. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no Planalto Rio-grandense. *Pesquisas, Antropologia* 58:11-106.
- SCHMITZ, P.I.; ARNT, F.V.; BEBER, M.V.; ROSA, A.O. & ROGGE, J.H. 2009. Taió, no vale do rio Itajaí, SC. O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas. *Pesquisas, Antropologia* 67:185-320.
- URBAN, G. 1992. A história da cultura brasileira segundo as línguas indígenas. In: Cunha, M.C. da: *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 87-102.
- WIESEMANN, U. 1972. Os dialetos da língua Kaingang e Xokleng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. III, ano III, Rio de Janeiro.